



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**O NOVO MARACANÃ: AS MUDANÇAS DO ESPETÁCULO A PARTIR DAS
ALTERAÇÕES NO ESTÁDIO CARIOCA**

Helcio Herbert Moreira da Silva Neto

Rio de Janeiro/ RJ
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**O NOVO MARACANÃ: AS MUDANÇAS DO ESPETÁCULO A PARTIR DAS
ALTERAÇÕES NO ESTÁDIO CARIOCA**

Helcio Herbert Moreira da Silva Neto

Monografia de graduação apresentada à
Escola de Comunicação da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para a obtenção do título de Bacharel
em Comunicação Social, Habilitação em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Domenech Oneto

Rio de Janeiro/ RJ
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia O Novo Maracanã: As mudanças do espetáculo a partir das alterações no estádio carioca, elaborada por Helcio Herbert Moreira da Silva Neto.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Paulo Guilherme Domenech Oneto

Doutor em Filosofia pela Universidade de Nice

Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Fernando Antônio Mansur Barbosa

Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Renzo Taddei

Doutor em Antropologia pela Universidade de Columbia

Departamento do Departamento de Ciências do Mar da Universidade Federal do Estado de São Paulo – UNIFESP

RIO DE JANEIRO

2014

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

NETO, Helcio Herbert Moreira da Silva.

O Novo Maracanã: As mudanças do espetáculo a partir das alterações no estádio carioca. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, *Helcio e Cátia*, pela criação pautada no afeto, pelo implacável companheirismo e pelo incentivo às elucubrações tortas e aos sonhos que pareciam distantes.

À *Thábata*, pela infindável capacidade de me transmitir carinho e de me arrancar gargalhadas, até nos períodos de dúvidas e dor.

À *Julia*, pelo sorriso capaz de fazer tudo ter sentido, pela paciência diante das idiossincrasias e pelo amor.

Aos meus *amigos de arquibancada e de Praça Varnhagen*, por todas as histórias e risadas.

Aos meus *amigos de UFRJ*, por cada copo de cerveja brindado e pela forte relação estabelecida.

Ao professor *Paulo Oneto*, pela facilidade de compartilhar conhecimentos com alunos da ECO, e por todo apoio durante a orientação cordialmente concedida.

Ao professor *Renzo Taddei* que, mesmo com as dificuldades impostas pela distância, disponibilizou-se a participar da banca de avaliação do presente trabalho.

Ao professor *Fernando Mansur*, pela gentileza que distribui, rotineiramente, junto às pessoas com quem convive e por aceitar compor a banca do mesmo.

NETO, Helcio Herbert Moreira da Silva. **O Novo Maracanã**: As mudanças do espetáculo a partir das alterações no estádio carioca. Orientador: Prof. Dr. Paulo Guilherme Domenech Oneto. Rio de Janeiro, 2014. Monografia em Jornalismo – Escola de Comunicação. UFRJ.

RESUMO

Este trabalho visa analisar como, ao longo do tempo, o Estádio Municipal do Distrito Federal (Maracanã) foi exposto a transfigurações estéticas e estruturais. Para tanto, recorre-se, inicialmente, à literatura que descreve o momento no qual foi circunscrita a criação do equipamento esportivo e a consolidação deste na identidade nacional ao longo da história. Para compreender o impulso artístico que permeia a expressão futebolística brasileira e, por conseguinte, as manifestações no antigo Gigante do Derby, a arte trágica, da Grécia antiga, é visitada a título de embasamento conceitual. A fim de obter uma mensuração mais precisa em relação a essas transformações, são expostos, com o auxílio das narrativas da imprensa online, de que maneira as alterações foram realizadas. E, finalmente, são expostas as diferenças que o Novo Maracanã apresenta quando comparado com a tradição do local presente na bibliografia adotada. O objetivo da monografia é verificar as consequências das reformas no Estádio Mario Filho sobre o espetáculo ali protagonizado.

Palavras-chave: Maracanã, futebol, dionisíaco, identidade nacional.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O MARACANÃ NA HISTÓRIA	11
2.1. A criação do Maracanã	11
2.2 O Maracanã como elemento de identidade nacional	16
3. O DIONISÍACO NO MARACANÃ	24
3.1. A questão do dionisíaco a partir de <i>O Nascimento da Tragédia</i> de Nietzsche	24
3.2. O dionisíaco futebol brasileiro	29
4. O NOVO MARACANÃ	36
4.1. Sobre as transformações no estádio	36
4.2. Mudanças no espetáculo	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
6. REFERÊNCIAS	52
6.1. Referências bibliográficas	52
6.2. Sites	53

1. INTRODUÇÃO

Durante as manifestações que foram desencadeadas no Rio de Janeiro em junho de 2013, foi possível detectar, entre as inúmeras reivindicações reunidas nos atos, críticas aos efeitos do mais recente processo de remodelação do Estádio Mario Filho (Maracanã). Tal reforma teve como justificativa a promoção da segunda Copa do Mundo realizada no território brasileiro, em 2014. Grupos como a Frente Nacional dos Torcedores (FNT) e o Comitê Popular da Copa (CMP) se mobilizaram para pleitear mais respeito pelas tradições que, durante décadas, foram cultuadas na colossal construção à beira do rio Maracanã. Outros protestos se seguiram e, devido à mobilização, essas questões conseguiram espaço na imprensa, inclusive em segmentos especializados da cobertura esportiva

A presente proposta pretende investigar como as consecutivas mudanças no Maracanã, inaugurado para a IV Copa do Mundo de Futebol, em 1950, impactaram nos espetáculos que o local recebeu ao longo das últimas décadas. Para tanto, evoca narrativas sobre a história da praça esportiva, os jogos de futebol que ali foram realizados e o comportamento do público que, não somente comparecia às partidas, mas também interagiu naquele espaço de uma forma singular, formulando, dessa maneira, uma atração à parte. Para tanto, o trabalho se estabelece de maneira conceitual, relacionando ideias e propostas condizentes com outros contextos que envolvem espetáculo.

Portanto, o objeto desse estudo é o espetáculo que acontece no próprio estádio. Em “O Maracanã na História”, segundo capítulo, propõe-se reconhecer, inicialmente, qual foi o contexto político e os agentes que interagiram para a inauguração do estádio-sede da final das Copas do Mundo de 1950 e 2014. Com tal objetivo, o subcapítulo “A Criação do Maracanã” utiliza a pesquisa histórica de Gisella de Araújo Moura acerca da construção do estádio. Também são utilizados como base os levantamentos do jornalista João Máximo de quando o Gigante do Derby completou 50 anos e passou pelas mudanças para a realização do Mundial Interclubes de 2000. Foi a primeira das três reformas a qual o complexo esportivo seria submetido no decênio demarcado entre 2000 e 2010.

No segundo subcapítulo, a intenção é elucidar como, após a construção do Estádio Municipal, este se tornou um elemento de coesão nacional. Para tanto, “Maracanã como elemento de identidade nacional” enumera referências que a produção

audiovisual, literária e musical brasileira apresenta perante o complexo esportivo, partindo do pressuposto, de Drummond e Anderson, que identifica na mídia o papel preponderante na capacidade de formular as comunidades nacionais. O Maracanã também se torna uma referência cultural por si só, sendo reconhecido até por pessoas que não se identificam nacionalmente com o Brasil. Por isso, estrangeiros reconhecem no estádio um marco da cidade.

Já em “O dionisíaco no Maracanã”, terceiro capítulo, o intuito é estabelecer proximidades entre o espetáculo protagonizado pela torcida e pelo próprio esporte praticado dentro do estádio e a tragédia grega de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. A partir dessa proposta, o subcapítulo “A questão do dionisíaco a partir de *O Nascimento da Tragédia* de Nietzsche” ressalta delimitações conceituais elaboradas pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) sobre o que seria esse elemento artístico presente nas artes helênicas. Tal fundamentação é extremamente necessária para a compreensão do comportamento em torno do futebol brasileiro e, mais especificamente, a atitude apresentada durante as partidas disputadas no estádio-sede das finais dos Mundiais de 1950 e 2014. Também foi utilizado o conceito “bakhtiniano” da “carnavalização” para estabelecer uma relação entre o espetáculo no Maracanã e a subversão de hierarquias.

A segunda parte desse capítulo demonstra, a partir da sedimentação teórica anterior, como o futebol brasileiro se constituiu tendo como base a música e a dança, duas manifestações dos coros bacantes cujas presenças foram determinantes para que emanasse a arte trágica da Grécia antiga. O sociólogo Gilberto Freyre parte também desse pressuposto para descrever, em 1937, a forma singular como o brasileiro pratica o esporte. Em “Foot-ball Mulato”, o autor estabelece uma relação que alicerça o jeito nacional de jogar o futebol junto ao elemento dionisíaco. O jornalista Mario Filho – que, após sua morte, passaria a dar nome ao antigo Estádio Municipal do Distrito Federal – também se utiliza dessa hipótese para detectar a expansão desta expressão, presente nos cultos ao deus Dionísio, na Antiguidade, para as arquibancadas. Dessa forma, o dionisíaco também fluía das torcidas.

O quarto capítulo tem por objetivo esclarecer como foram feitas as mudanças no estádio do Maracanã e identificar como tais alterações contribuíram para a reconfiguração do espetáculo protagonizado no estádio. O primeiro subcapítulo, “Sobre as alterações no estádio”, traça um breve histórico sobre as recorrentes reformas pelas quais o antigo Gigante do Derby passou, utilizando dados divulgados pela imprensa

online durante o período que antecedeu as primeiras partidas realizadas no palco principal do futebol carioca. Usando informações veiculadas por tais veículos, é construída uma narrativa do processo de concessão à iniciativa privada. Essa seção aborda também como, reiteradamente, ao evocar uma suposta modernidade para avaliar as transformações na praça esportiva, os veículos de imprensa analisados e o poder público se utilizam do termo segurança. Para mergulhar no assunto violência, o trabalho utiliza pesquisas do sociólogo Maurício Murad.

“Mudanças no espetáculo” tem pretende enxergar o comportamento dos agentes que interagem dentro do Maracanã após a reforma e compará-lo com atitudes anteriores. Para isso, será evocado novamente o pensamento de Nietzsche e sua visão diante da tragédia grega. Nessa parte do trabalho, faz-se necessário apontar como o filósofo alemão descreve o fim da arte trágica. Com as críticas que o autor de “O Nascimento da Tragédia” tece sobre o pensamento socrático, surge uma explicação para o cerceamento da fruição no espetáculo que pode ser aplicado ao caso do Maracanã. Para compreensão da percepção mais recente sobre a expressão que emana das torcidas do estádio, optou-se por matérias publicadas na imprensa online. Os portais escolhidos foram: UOL, Lancenet! e Globoesporte.com.

Os três são reconhecidos como os principais sites de jornalismo esportivo brasileiro e se destacaram por uma cobertura maciça da reabertura do Maracanã e de sua primeira partida: o Brasil e Inglaterra, em 2 de junho de 2013. A opção pela imprensa online também passou pela avaliação que considera a internet como uma importante plataforma de divulgação de informações. Para captar a versão oficial diante das alterações no estádio, optou-se por levar em conta textos publicados no portal do Governo do Estado do Rio de Janeiro. De acordo com Netto (2012), a rede mundial de computadores proporcionou uma interação entre as pessoas que antes era inviável e pôde propulsionar grandes transformações sociais, políticas e culturais, como a Primavera Árabe e, mais especificamente, a queda do ditador Muamar Kadafi (1942-2011), em 2011, na Líbia.

2. O MARACANÃ NA HISTÓRIA

Durante os seus 64 anos de existência, o Maracanã tomou contornos muito mais imponentes que os gigantes alicerces de sua construção. O estádio, projetado para ser a principal sede dos jogos da primeira Copa do Mundo de futebol realizada no Brasil e, por conseguinte, o principal legado desse evento esportivo, acabou se tornando símbolo de um ambiente político e cultural do país que, naquele momento, passava por intensas mudanças. Havia democracia após os anos de ditadura do Estado Novo, um intenso processo de urbanização e industrialização. Ao mesmo tempo, enraizadas influências do Brasil tradicional também podem ser detectadas no processo de criação do Estádio Municipal, no então Distrito Federal.

Dessa forma, faz-se necessário fazer um detalhamento desse contexto. A partir dessa proposta, será mais acessível compreender como o estádio se consolidou como um elemento da identidade nacional brasileira. Como, por exemplo, a difusão, por meio da imprensa e de outros veículos midiáticos, transformou o Estádio Mario Filho em um cartão-postal brasileiro, e não somente da população carioca ou fluminense? A importância sociocultural gera um reconhecimento tamanho que até mesmo estrangeiros se interessam pelo equipamento esportivo. Também tornam-se mais compreensíveis as motivações que impeliram artistas da cultura popular nacional a dedicar partes de suas obras ao espetáculo protagonizado no estádio

2.1. A criação do Maracanã

Desde a construção do estádio do Pacaembu, em São Paulo, 1942, havia uma vontade, por parte dos políticos brasileiros, de criar um complexo esportivo no então Distrito Federal. Em matéria publicada no *Jornal dos Sports* em 19 de agosto de 1945, por exemplo, o repórter Geraldo Romualdo da Silva mostra a maquete de um estádio que seria criado no espaço que era ocupado pelo Derby Country, hipódromo desativado do bairro do Maracanã, na Zona Norte do Rio de Janeiro. O complexo esportivo, no entanto, demoraria cinco anos para ser inaugurado. Para Máximo (2000), o projeto de construção do Maracanã trazia uma forte influência das diretrizes que nortearam as políticas no Estado Novo, quando o nacionalismo e o trabalhismo eram muito presentes. “É verdade que, em agosto de 1945, Vargas e seu regime já tinham os dias contados. (...) Mas muitas de suas ideias ficariam.” (MÁXIMO, 2000, p. 29) A dimensão arquitetônica do estádio a ser construído também tinha relações com o projeto de desenvolvimento proposto pelo político gaúcho durante esse período.

Já após o Mundial de 1938, quando o Brasil conseguiu algum destaque na imprensa internacional (e pela primeira vez apareceu um conceito próprio do futebol nacional, como veremos no próximo capítulo), os mais eminentes cargos administrativos do esporte brasileiro demonstraram interesse em patrocinar o próximo torneio com as melhores seleções do planeta. “A partir da década de 30 nossos dirigentes começaram a estimular e a tirar partido dos momentos de catarse e união nacional proporcionados pelo esporte.” (MOURA, 1998, p. 22) A decisão da Fifa, entidade responsável pelo controle do futebol no planeta, de trazer IV Copa do Mundo, a primeira após a Segunda Guerra Mundial, para o Brasil teve grande peso na determinação das autoridades de construir um estádio no Rio de Janeiro. Máximo (2000) aponta que, durante um congresso em Luxemburgo, a instituição presidida pelo francês Jules Rimet confirmou a competição para o ano de 1949. Posteriormente, decidiu-se que o torneio teria que ser disputado no ano seguinte, em 1950.

Foi a partir do governo Vargas que os processos de urbanização e industrialização do Brasil encontraram uma maior aceleração. Também durante esse momento, o presidente se utilizou do principal estádio da capital como plataforma para seus discursos. O estádio de São Januário, em São Cristóvão, sediou diversos eventos políticos. Pela importância que tinha na época, pensou-se até em reformá-lo e usá-lo como o principal palco do campeonato mundial de futebol de 1950. “Logo a alternativa revela-se insatisfatória – os custos da obra e a necessidade desapropriar os imóveis dos moradores da Barreira do Vasco são alguns dos argumentos usados contra a ideia.” (MOURA, 1998, p. 27) O sentimento que o futebol já despertava no carioca também parecia não caber no estádio, mesmo com o acréscimo de 20 ou 30 mil lugares na capacidade total de São Januário. Havia, em Vargas, também uma preocupação grande com a classe trabalhadora. De certa forma, isso também teria consequências no projeto do novo estádio. O presidente que o sucedeu, o General Eurico Gaspar Dutra se elegeu com o apoio de Getúlio Vargas, o que reitera a influência de algumas diretrizes políticas no mandato que ocupou o hiato entre a primeira passagem de Vargas pela presidência e a segunda, quando ele mesmo substituiria Dutra.

Para muitos, o tamanho da praça esportiva que deveria ser construída deveria refletir o sentimento que a população nacional já preservava pelo futebol. Sob a ótica de João Saldanha (1963), jornalista e treinador da Seleção Brasileira nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970, disputada no México, foi a paixão dos brasileiros pelo futebol que motivou a criação do Maracanã. A grande procura pelo esporte avalizou a

construção de um estádio com uma capacidade maior do que a dos complexos esportivos em outros grandes centros que praticavam o futebol na época. Como os estádios Lênin, em Moscou, e Hampden Park, na Escócia, que tinham, em meados da década de 1950, uma capacidade para receber um público de até, no máximo, 120 mil pessoas. “Não foi por acaso que, quando patrocinamos a Copa do Mundo em 1950, houve necessidade de ser construído um estádio para duzentas e vinte mil pessoas” (SALDANHA, 1963, p. 120). Contudo, ao analisar a história das Copas do Mundo da Fifa, é possível relativizar a intensidade desta relação entre o público brasileiro e o futebol. Um levantamento de Rodrigues e Carvalho (2014) mostra que a Copa de 1950 teve uma média de público de 47.554, inferior aos números observados nas edições de 1966, 1970, 1974, 1990, 1994, 1998 e 2006.

Para Moura (1998), sediar o evento representou muito mais do que um marco esportivo para a modalidade no Brasil. “Muitos outros elementos entraram em jogo naquele momento, como a projeção de uma imagem do Brasil, particularmente da cidade do Rio de Janeiro, e a busca de uma identidade nacional através do futebol.” (MOURA, 1998, p. 12) Por isso mesmo, as obras do estádio entraram em discussão em ambientes externos ao esporte. E seria a partir desse momento que o Maracanã entraria na rotina da cidade, passando a integrar o cotidiano carioca. A grandiosidade dos esforços para a criação do Maracanã também era destacada pela imprensa da época. Na véspera da decisão do Mundial de 1950, o periódico *Diário Carioca* chamou o Maracanã de “estádio multidão” e exaltou as autoridades responsáveis pela concepção do palco da derradeira partida daquela Copa do Mundo. O complexo esportivo é descrito como “padrão de largueza de vistas do esforço no trabalho e da coragem dos brasileiros que o conceberam e o construíram.” (HELAL & CABO, 2014, p. 66). No ano de 1947, um acordo entre o Governo Federal e a Prefeitura do Distrito Federal definiu “que a municipalidade – detentora das melhores condições financeiras e proprietária do terreno do antigo Derby Club – se responsabilizaria pela execução da obra, local apontado como o mais adequado à construção do estádio. A capital do Brasil ganharia seu estádio”. (MOURA, 1998, p. 27-28) No entanto, a criação da imponente construção no bairro à beira do rio Maracanã, na Zona Norte carioca, não era uma unanimidade na opinião pública nacional.

O jornalista Carlos Lacerda, que, posteriormente, conseguiria cargos políticos importantes como candidato da União Democrática Nacional (UDN), foi um dos principais críticos. Ele pleiteava que o investimento fosse injetado em uma vila olímpica

no bairro de Jacarepaguá, na Zona Oeste da mesma cidade. O humorista e escritor Jô Soares se recorda dos embates políticos, travados a respeito do Estádio Municipal, entre os que se identificavam com o então prefeito Ângelo Mendes de Moraes e os que se opunham à construção. “Uma caricatura que ilustrava uma matéria sua [de Carlos Lacerda] no jornal. Era o Maracanã cheio de água de chuva, como se fosse uma lagoa, lá no meio, o Mendes de Moraes.” (NOGUEIRA et al, 1994, p. 63) Diante da dificuldade que as autoridades brasileiras demonstravam em conseguir iniciar as obras para o aparelho esportivo, a Argentina, rival tradicional do Brasil no futebol, chegou a se mostrar interessada em sediar a IV Copa do Mundo. O país estava mais bem preparado à época, como três antigos estádios com capacidade para cerca de 120 mil pessoas. Além disso, havia construído, naquela época, o moderno estádio Huracán, dando uma prova de sua capacidade. “As condições da Argentina, único país sul-americano a não defender a candidatura brasileira à Copa por pretender ele próprio sediar o evento, calaram fundo em nosso orgulho nacional.” (MOURA, 1998, p. 33)

A construção do Estádio Municipal contava com o apoio discreto da esquerda, já que o Partido Comunista – principal representação política dos socialistas naquela época – funcionava na ilegalidade. No entanto, a ideia do estádio também despertava simpatia na direita. Entre os aliados, havia nomes de relevância na cena cultural da época como Ary Barroso, radialista e compositor da música “Aquarela do Brasil”. Na época, ele ocupava uma cadeira como vereador do Distrito Federal, pela mesma UDN de Carlos Lacerda. Ao fim dos debates na Câmara dos Vereadores, venceu quem era em favor da construção. E, após anos de debates e entraves, “finalmente, em 27 de outubro [de 1947], o templo virou lei. Ou projeto de lei, 161-b, a certidão de nascimento do Maracanã”. (MÁXIMO, 2000, p.30) Ao todo foram menos de dois anos de obras. O caráter popular do estádio era realçado desde o início das obras, que oficialmente data de 21 de julho de 1948, tanto pela imprensa quanto pelas autoridades envolvidas na construção do complexo esportivo. Eram os próprios funcionários que trabalhavam na construção que testavam os degraus do Maracanã, “amontoando-se como se fossem uma torcida, vibrante, calorosa, saltando para comemorar gols imaginários” (MÁXIMO, 2000, p. 63).

Ao fim do processo de concepção e construção, o estádio tinha a capacidade de 183.354 espectadores. Destes, 120 mil se sentariam nas arquibancadas, 32 mil poderiam assistir aos jogos da geral, 25 mil nas cadeiras cativas e numeradas, 3.319 nas cadeiras perpétuas ou especiais, 831 na tribuna da imprensa e nas cabines de rádio, e 74

na tribuna de honra. A proposta do estádio era tão gigantesca que não coube em apenas uma cerimônia de inauguração. No dia 16 de junho de 1950, políticos e autoridades da época estiveram presentes no ato oficial. Era um ano eleitoral e muitos candidatos utilizaram a oportunidade para fazer campanha por votos. No dia seguinte, reforçando o apelo popular do estádio, os portões foram abertos ao público para a partida amistosa entre as seleções carioca e paulista. O autor do primeiro gol do estádio foi Didi, jogador que seria um dos destaques da primeira Seleção Brasileira campeã do mundo, em 1958, na Suécia. (MÁXIMO, 2000, p. 35)

Para Moura (1998), a ocasião da inauguração popular do Estádio Municipal foi importante para concretizar uma das principais funções do novo espaço de convivência carioca: abrigar as adversidades e construir uma democracia. “Sua forma elíptica contribuía para essa tarefa, colocando os espectadores diante uns dos outros, apesar de em locais com preços e conforto diferenciados.” (MOURA, 1998, p. 63) Vale ressaltar que, na Copa do Mundo de 1950, a Seleção Brasileira jogou quase todas as suas partidas no Estádio Municipal, o que foi fundamental para consolidar a ligação entre o futebol, o estádio e a população do Rio. A única partida que não foi disputada no estádio foi o empate com a Suíça, em 2 a 2, no Pacaembu, em São Paulo. Durante o jogo em território paulista, o time que representava o Brasil foi vaiado e os cariocas delegaram a culpa pelo resultado aos paulistas.

Para agradar a opinião pública paulista, o técnico Flávio Costa teria até feito alterações no time que entrou em campo contra a Suíça, pondo mais jogadores que atuavam em equipes do Estado de São Paulo para jogar. Naquele mundial, ainda não era possível fazer substituições ao longo do jogo, o que tornava a decisão do time titular mais importante ainda. Após o incidente, que despertou desconfianças sobre o comando técnico no escrete nacional e também dúvidas sobre as capacidades dos jogadores durante o primeiro mundial disputado no país, consolidou-se a máxima de que se “o Brasil era a seleção nacional, o povo brasileiro era a torcida carioca”. (MOURA, 1998, p.140) Em muito, isso aconteceu por causa do Maracanã.

Os festejos se estenderam ao longo de todo o período de preparação para a disputa, e durante a própria realização da Copa do Mundo de 1950. Com o intuito de aproveitar o clima que tomou o Rio de Janeiro, diversas empresas elaboraram campanhas com relação ao futebol. No sábado, dia 24 de julho de 1950, dia da estreia do Brasil no torneio, em partida que seria realizada contra o time Mexicano, “a Mesbla distribui gratuitamente tabelas com os jogos do campeonato, enquanto a Standard Oil do

Brasil entrega folhetos em seus postos de gasolina com informações sobre o esporte”, além de uma lista com os principais atletas do campeonato e as regras do futebol. (MOURA, 1998, p. 67) “A Coca-Cola anuncia que foi a bebida escolhida pelos médicos da Seleção Brasileira para ser servida aos jogadores. A Rádio Nacional informa que transmitirá todas as partidas da Copa.” (MOURA, 1998, p. 67)

Muitos cronistas e homens públicos chegaram a sugerir que o Estádio Municipal ganhasse o nome do Prefeito Mendes de Moraes. “O batismo seria a maior prova de agradecimento ao prefeito que lutara contra todos os empecilhos e obstáculos e construía o estádio”. No entanto, o Gigante do Derby (apelido como era conhecido nos primeiros anos de existência) ficou popular como Maracanã, talvez “por justiça aos trabalhadores anônimos que o ergueram”. Além de ser o nome da vizinhança estabelecida à beira do rio, Maracanã também seria a denominação atribuída “pelos índios tupi-guaranis a uma espécie de papagaio que, ao raspar com seu bico as cascas das frutas em busca de alimento, provoca um ruído parecido com o de um chocalho ou maracá, origem etimológica da palavra”. (MOURA, 1998, p.140) O termo indígena põe em evidência a capacidade que o Maracanã concentrou de reunir a diversidade. Esse fato será fundamental para que o estádio se estabeleça como uma referência da realidade carioca e brasileira, nacional e internacionalmente.

O jornalista Mario Filho exerceu um papel muito importante durante o período de debates políticos sobre a construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro, bem como após sua criação. O jornal *O Globo* e o *Jornal dos Sports*, duas publicações para as quais Filho trabalhava, notabilizaram-se pelo apoio às propostas governistas e pelo enaltecimento do caráter popular do Maracanã. Também por isso, após sua morte e uma campanha liderada pelos também jornalistas Nelson Rodrigues e Oduvaldo Cozzi, o estádio ganhou o nome do colunista. A produção de Mario Filho foi muito importante para estabelecer o Estádio Municipal como um elemento da identidade brasileira, como pode ser visto no próximo subcapítulo.

2.2. Maracanã como elemento de identidade nacional

A relação entre aquele que por décadas foi conhecido como país do futebol e o esporte predileto da população é muito longa e, por muito, é considerada anterior à descoberta do Brasil pelos portugueses. Em parte do território da América do Sul, inclusive, havia uma tradição de povos indígenas que também se assemelhava muito ao

futebol: o *mataranaaríti*. A prática remonta a 1000 a.C.. “A bola era de mangabeira (borracha), revestida de caucho (madeira leve). Pés, pernas, costas e nádegas podiam ser usados para controlar a bola, mas a disputa era quase sempre em cabeçadas.” (MURAD, 2012, p. 69) O interessante é que isso acontece no mesmo período da primeira Copa do Mundo que “o país levou uma seleção ‘de verdade’, formada por jogadores vários estados”, distante da briga entre entidades esportivas locais. Foi a primeira vez que o Brasil chegou à semifinal do torneio. A Confederação Brasileira de Desporto, em 1938, “nomeou Alzira Vargas, filha do presidente Getúlio Vargas, como madrinha da equipe que viajou para disputar a Copa do Mundo”. (PEREIRA & LOVISOLO in HELAL & CABO, 2014, p. 43), Esse fato reforça a importância do projeto nacional de Getúlio Vargas nesse instante.

No século XX, para Drummond (2008), a identidade com o futebol – já esse esporte, como é conhecido hoje e com regras muito próximas das atuais – foi difundida, fundamentalmente, pelos meios de comunicação massivos. A imprensa, o rádio e o cinema permitiram que cidadãos das mais diversas regiões se identificassem por meio de práticas esportivas. Também para o historiador Benedict Anderson (2013) o desenvolvimento da indústria editorial capitalista foi preponderante para a criação de um sentimento de nação, capaz de formular e consolidar comunidades imaginadas a partir de ideais imateriais. As redes de ensino auxiliam na formação dos tentáculos dessa identidade, já que impõem referências de conhecimento comuns no que hoje se chama de nação.

“Se a década de 30 fora marcada pelo grande interesse despertado pelas ‘coisas brasileiras’, a descoberta do futebol brasileiro seria mais um elemento a reforçar a construção dessa identidade nacional”. (MOURA, 1998, 21) Foram muitos os grandes escritores brasileiros que se debruçaram sobre o tema futebol. Muitos se utilizaram de veículos de imprensa para publicar seus textos. Já durante os primeiros anos de prática do esporte no Brasil, dois grandes escritores se debruçaram diante do esporte. Eram eles: Lima Barreto (1881-1922) e João do Rio (1881-1921). Enquanto o primeiro detectava no futebol um elemento exógeno à cultura brasileira e previa que a prática rapidamente cairia no esquecimento, o segundo se vislumbrou com a capacidade desta de mobilizar e emocionar multidões.

Na época em que a produção literária de ambos circulava, de fato, havia essa divisão na opinião. Em “O Triunfo Carioca”, o cronista Nelson Rodrigues (2007) descreveu, em 16 de fevereiro de 1957 – cerca de sete anos após a inauguração do

estádio –, a participação do público presente como determinante para a vitória da seleção carioca contra a seleção paulista. Apesar da desconfiança com o time, que não figurava como favorito e parecia uma presa fácil para o selecionado paulista, a torcida “se manifestava, larga, generosa, incoercível”. Já reconhecido como dramaturgo e romancista, Rodrigues conseguiu destaque na crônica esportiva a partir da mesma década na qual o estádio da Zona Norte carioca foi construído.

O reconhecimento veio a partir da coluna que assinava na *Manchete Esportiva*, chamada de *O Berro impresso das Manchetes*. Assim como o irmão, Mario Filho, Rodrigues foi criado na região da Aldeia Campista, na Zona Norte do Rio de Janeiro. (CASTRO, 1992, p.21) O bairro é muito próximo ao terreno ocupado pelo Maracanã. O fato também ajuda a entender os vínculos de ambos com o complexo esportivo. Contemporâneo de Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade também reúne, no seu acervo de crônicas e poemas, alguns parágrafos e estrofes dedicadas ao esporte no qual o Brasil já foi consagrado cinco vezes campeão mundial. Nas publicações que assinava em periódicos quando vivo, como no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*, Drummond mostrava interesse pelo esporte e pelo impacto social dessa prática esportiva entre os brasileiros.

Na curta narrativa “O Importuno”, publicada no *Correio da Manhã* em 13 de julho 1966, o escritor mineiro conta a dificuldade que as pessoas enfrentavam para conseguir um atendimento em repartições em dias de jogos do selecionado nacional. A adesão popular ao futebol era tão distinta que era capaz de mobilizar todo o país, apesar das diferenças entre as regiões brasileiras. O mesmo autor também mostrou interesse pela forma de jogar de um jogador que, assim como Leônidas da Silva, conseguiu sintetizar a malícia do “futebol-arte” brasileiro: Manuel Francisco dos Santos, o Garrincha. Esse atleta viveu grandes momentos dentro do Maracanã, vestindo a camisa do Botafogo, e reúne adjetivos presentes no ideal de como é praticado o esporte no país, como pode ser observado no próximo capítulo. “As alegrias, no Maracanã, um Garrincha dá ao seu fã” (ANDRADE, 2002, p.209).

Bicampeão da Copa do Mundo, o atleta também inspirou Joaquim Pedro de Andrade, diretor do Cinema Novo brasileiro. O filme “Garrincha, a Alegria do Povo”, de 1962, lança um olhar sobre a figura do jogador e mostra o interesse da sétima arte nacional pelo futebol. A relação entre a produção audiovisual nacional e esse esporte tem um momento muito importante entre 1959 e 1986 quando, uma vez por semana, o *Canal 100* preparava um cinejornal com o melhor do noticiário futebolístico.

Obviamente, os principais momentos das partidas no Maracanã marcavam presença nas exposições, que aconteciam nas salas de cinema e, em geral, antecediam as propagandas políticas do Governo Militar. De acordo com Fernandes (2012, p. 108), a ascensão do *Canal 100* representa um período de transformação da ligação da população brasileira com o futebol, por marcar a consolidação da televisão e do audiovisual no país.

Na música popular brasileira, também não são poucas as referências ao Maracanã. O cantor e compositor Chico Buarque, representante da música nacional com destaque a partir da década de 1960, utiliza-se de referências ao estádio para construir o ambiente de aflição que permeia a canção “Pelas Tabelas”¹, lançada em 1984, portanto, um ano antes do fim do Regime Militar que governava o Brasil desde 1964: “Achava que era o povo que vinha pedir/ A cabeça de um homem que olhava as favelas/ Minha cabeça rolando no Maracanã.” Em um vídeo postado em novembro de 2012 no site de compartilhamento de vídeos Youtube², o próprio Chico Buarque ressaltou a importância do estádio para a identidade nacional ao afirmar que “O Maracanã está na minha memória assim como eu acho que está na memória do povo brasileiro (...)Eu acho que a gente deve lutar para que esse espaço permaneça sendo um espaço popular.”

Músico eminente do mesmo período, Gilberto Gil também faz menção a torcida do Flamengo, time carioca que manda a maior parte de suas partidas no Maracanã, em “Aquele Abraço”³. A canção marca a partida para um período de exílio da geração que surgiu nos Festivais da Canção. “Alô, alô, Realengo – aquele abraço!/ Alô, torcida do Flamengo – aquele abraço”. Em uma entrevista ao jornal *O Pasquim*, em outubro de 1969, Gil reafirmou o apelo popular da canção, embora, durante o período que deveria ser de divulgação da música, o cantor estivesse exilado. “Nunca, na verdade, uma canção minha havia chegado ao *hit parade*. Agora eu, fora do Brasil, fiz uma gravação que deixei lá.” (ZAPPA & GIL, 2013, p. 144). A repercussão da canção só legitima a relevância que o futebol detinha junto aos brasileiros.

Gisella de Araújo Moura (1998) destaca também que, para Roberto Da Matta e José Murilo de Carvalho, as fontes de identidade nacional no Brasil não são os canais formais de participação política, como é possível observar em outras nações. Particularmente no caso desse país, as manifestações populares, como o futebol e o

¹ Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=pelastab_84.htm> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h00).

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uNGvpA8t0m8>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h00).

³ Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br/sec_musica.php?> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h00).

carnaval, exercem esse papel. Ocorre nessas manifestações uma adesão que não é observada, com a mesma volúpia, em outros segmentos sociais. O apelo que o “canal alternativo” futebol exerce junto à população podia ser observado, tradicionalmente, no domingo de Maracanã – dia que, geralmente, recebia as partidas e que entrou para a rotina da cidade.

Em suas mais de seis décadas, o Maracanã se consolidou com um símbolo do Brasil também fora do país. Por isso, após tanto tempo, estrangeiros buscam conhecer a construção fincada na Zona Norte do Rio. Apesar da derrota da Seleção Brasileira para o time Uruguaio no Maracanã, na derradeira partida da Copa do Mundo de 1950, parte da imprensa se caracterizou por exaltar a construção do Estádio Municipal como a grande vitória do Brasil. Em “O início de uma nova era para o esporte brasileiro”, artigo publicado no *Jornal dos Sports* no dia 16 de maio de 1950, Mario Filho enaltece o caráter monumental do recém-construído estádio, afirmando que ele passava a ser “o mais novo cartão-postal” do país. Para Filho, o Maracanã valia até mais que o Pão de Açúcar, que o Corcovado e que a baía da Guanabara, por ser uma “obra do homem. Uma prova da capacidade de realização do brasileiro”. Pelo mesmo motivo, Austregésilo de Athayde, na revista *O Cruzeiro*, chega a evocar a obra do escritor Afonso Celso, “Por que me ufano de meu país”, para ressaltar a importância do estádio para a autoestima nacional e para colocar o Brasil em lugar de destaque desportivo diante das outras nações, embora a seleção nacional não tenha conseguido confirmar o favoritismo contra o time da nação oriental no último jogo torneio. (apud MOURA, 1998, p. 128).

A exaltação do Maracanã como ponto turístico também está presente até a segunda década do século XX. Em matéria publicada no site *Globoesporte.com* dia 2 de junho de 2013, dia do primeiro jogo profissional do estádio após a reforma, e assinada por Thiago Dias⁴, mostra que Philip e Andrew Carruthers, dois irmãos ingleses, foram torcer pela Seleção Brasileira, e não pelo selecionado inglês. Os dois times entrariam em campo naquela tarde. Philip morava no Brasil desde 1964, mesmo ano em que viu uma goleada de 5 a 1 do Brasil sobre a Inglaterra. O inglês ainda enalteceu a preservação da parte exterior do estádio nessa intervenção e fez uma comparação entre o Maracanã e o estádio Wembley, na região metropolitana de Londres.

⁴ Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/treino-reconhecimento-Mata-posta-Maracana_0_940706012.html> (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 1h00).

“O lado de fora do Maracanã ficou igual, não mexeram na estrutura. Já no de Wembley, acabaram com tudo, foi um outro estádio que fizeram”, declarou um dos britânicos à matéria de Thiago Dias. O mais famoso estádio do Reino Unido foi inaugurado em 1923. No entanto, Wembley também passou por um processo modernização durante a primeira década do século XXI. Em 2007, a nova arena foi reinaugurada com muitas diferenças, como um estacionamento que é “a metade do que tinha o velho Wembley”. (KFOURI, 2009, p. 100) Uma matéria publicada no Lancenet em 19 de junho de 2013⁵ mostra como até mesmo os jogadores também exaltavam a importância do Maracanã. A notícia relatava que jogador Juan Mata, da seleção espanhola, havia postado na rede social Instagram uma foto do estádio tirada de dentro. “A beleza do novo Maracanã não chamou a atenção somente dos brasileiros, mas também dos espanhóis”, a matéria chamava a atenção.

O mesmo atleta declarou, ainda antes de chegar ao Brasil para a disputa da Copa das Confederações de 2013, em outra oportunidade, que “quando se fala no Brasil, logo vem a cabeça o Maracanã”. Juan Mata revelou ainda estar “ansioso” e ter “grande entusiasmo” para disputar o torneio-teste da entidade maior do futebol internacional. Essa entrevista foi publicada no site da Fifa e replicada no Globoesporte.com no dia 3 de maio de 2013⁶. O Tal fascínio é comum. Mino Carta, italiano recém-chegado ao Brasil em 1950, deu-se conta, durante a cobertura do Mundial daquele ano que herdaria a profissão do pai e seria um jornalista. Carta ainda percebeu, “em algum ponto entre a euforia e o pesadelo naquela Copa” que neste país “torcer é um estado de espírito”. (NETO, 2013, p. 17-8) Posteriormente, ele se tornaria um importante jornalista, trabalhando nas mais importantes empresas de comunicação do país. Geneton Moraes Neto (2013) classifica essa última sentença, percebida pelo italiano, como uma constatação básica para um europeu recém-apresentado às idiossincrasias do Brasil.

No dia 4 de junho de 2013 — portanto, dois dias após a primeira partida profissional disputada no Maracanã depois da reforma —, o site do Governo do Estado do Rio de Janeiro divulgou a lista de benefícios que trazidos pelas obras no espaço

⁵ Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/06/juan-mata-revela-ansiedade-para-jogar-no-maracana-e-sonha-com-titulo.html> > (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h03).

⁶ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/06/juan-mata-revela-ansiedade-para-jogar-no-maracana-e-sonha-com-titulo.html> (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 01h32).

esportivo⁷. O texto garante que as intervenções foram conduzidas “de acordo com o mais alto nível de sofisticação da engenharia”. Em matéria publicada no site [Globoesporte.com](http://globoesporte.com)⁸ dois dias antes compara a Seleção Brasileira a uma “obra monumental”, assim como o Maracanã. A matéria indica que, assim como acontecia com o estádio, o time comandado na época pelo técnico Luiz Felipe Scolari ainda precisava de reparos. No entanto, a reportagem classifica o resultado final das reformas como “lindo”.

Enaltecer a grandiosidade do antigo Gigante do Derby é uma atitude tomada reiteradamente pelas autoridades políticas. Em 1950, o discurso do então Prefeito do Distrito Federal Mendes de Moraes no dia da última partida da Copa do Mundo adotava essa postura: “O governo municipal cumpriu seu dever, construindo esse estádio que aqui está. Agora, jogadores do Brasil, cumpri o vosso”. (apud MOURA, 1998, p. 117). O tom adotado pelo político foi muito criticado na época. *Jornais como Tribuna da Imprensa e Correio da Manhã* chegaram a comparar o comportamento de Mendes de Moraes ao de líderes fascistas, que usavam o esporte para a publicidade de seus regimes. (MOURA, 1998, p. 122) Essa postura adotada tanto pela imprensa quanto pelas esferas governamentais pode ser interpretada como um desdobramento do nacionalismo cíclico. Tal conceito é utilizado por Silva, Helal e Cabo para explicar o fenômeno que acontece, no Brasil, na época dos grandes eventos esportivos, quando “percebe-se nas ruas uma motivação diferente, as cores nacionais estão por toda parte, os indivíduos se unem para tarefas como pintar ruas, enfeitar casas, expor em todos os cantos seu amor pela pátria”. (SILVA et al in HELAL & CABO, 2013, p. 285)

A tese de que a atmosfera de patriotismo também chega aos discursos jornalísticos pode ser importante para compreender como a morte de um torcedor e presença de mais três feridos na partida entre Brasil e Espanha na fase final da Copa do Mundo de 1950, devido à confusão na entrada e acomodação do público, não teve grande destaque na abordagem jornalística da época. A partida é muito mais lembrada pela atuação do selecionado nacional e pela participação efusiva da torcida que compareceu ao Maracanã no dia 13 de julho daquele ano. Para o sociólogo Maurício Murad (2012), “a mídia não inventa a realidade; ela noticia o que já existe. Mas o que

⁷ Disponível em: < <http://www.rj.gov.br/web/seel/exibeconteudo?article-id=1614125> > (último acesso em 10 de novembro de 2014, às 14h56).

⁸ Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/estamos-em-obras-selecao-e-maraca-tem-reencontro-diante-da-inglaterra.html> > (último acesso em 10 de novembro de 2014, às 14h56).

falar daquilo que acontece, como noticiar, em que horário e com qual destaque são escolhas a serem feitas, que podem mudar tudo”. Ainda de acordo com Murad, os efeitos da edição jornalística geram um grande impacto dentro e fora dos gramados. “Os veículos de comunicação de massa ocupam papel-chave na construção e na manutenção de um discurso sobre a violência” no futebol, por exemplo.

3. O DIONISÍACO NO MARACANÃ

O futebol tem uma importância ímpar para a cultura brasileira. Esta singularidade também se manifesta na visão do sociólogo Gilberto Freyre. Em 1938, o pensador pernambucano publica um artigo elogiando o “foot-ball mulato”, essa maneira única que, segundo ele, somente os brasileiros seriam capazes de apresentar. Essa forma seria dionisíaca, influenciada pela cultura musical e mestiça presente na, presente na realidade brasileira. O elemento artístico é inspirado nos festejos e cerimônias em homenagem ao deus grego Dionísio. Para compreender como o dionisíaco se manifestava na Grécia antiga, a proposta é investigar o nascimento da arte trágica grega.

A expressão da torcida do Maracanã também pode ser considerada dionisíaca, se for levado em conta que, assim como na tragédia, de certa forma, o público não era recebido como um mero espectador. Além disso, as torcidas também levavam a cabo uma espécie de subversão, visto que hierarquias sociais eram invertidas através da espontaneidade. Na mitologia do Gigante do Derby, todos os que frequentam o aparelho esportivo. Portanto, tanto a manifestação do público quanto na expressão do futebol-arte brasileiro, existe essa identidade dionisíaca.

3.1. A questão do dionisíaco a partir de *O Nascimento da Tragédia de Nietzsche*

É importante contextualizar o momento histórico no qual o nascimento da tragédia se dá. O intervalo de tempo no qual surge a arte trágica, para a história da humanidade, é “de fundamental importância: 480 [a.C.], Buda parte deste mundo; um ano mais tarde, no reino

Lu, morre Confúcio”. (KAPUSCINSKI, 2006, p. 57) A maioria dos biógrafos de Heródoto, escritor grego reconhecido, por muitos, como o pai do primeiro registro, de alguma maneira, historiográfico, determina que ele “nasceu entre 490 e 480 a.C., mais provavelmente em 485”. (KAPUSCINSKI, 2006, p. 57) Portanto, tratava-se de um período de ebulição tanto no Oriente quanto no Ocidente.

Friedrich Nietzsche (2011, p. 29) afirma que “nada é mais tolo do que sugerir uma formação autóctone para os gregos. Muito pelo contrário: eles absorvem toda a formação que vivia em outros povos, sendo justamente por isso que chegaram tão longe”. E aí estava uma das principais virtudes gregas: assimilar culturas em ascensão no mundo conhecido. Foi desse fecundo solo que surgiu a tragédia grega. Para Nietzsche (2012), há duas forças artísticas necessárias para a eclosão da arte trágica grega: o dionisíaco e o apolíneo. O encontro entre essas duas expressões da arte foi

proporcionado também porque, para Nietzsche, a antiguidade grega era prodigiosa, já que, entre todos os pensadores que sedimentaram fundamentos importantes para aquele período, reinava uma “rígida necessidade. A eles falta toda e qualquer convenção, uma vez que não existia uma classe de filósofos e eruditos”. (NIETZSCHE, 2011, p. 30-31)

Entre os gregos também preponderava a capacidade de abstração. Assim como durante um longo intervalo de tempo, até a Modernidade, a elite grega tinha uma percepção negativa diante da luta pela sobrevivência material. Aristóteles, sucessor de uma linhagem de pensadores que teve grande influência sobre a arte trágica, como poderá ser visto mais adiante, também resguardava certa repulsa sobre o trabalho manual. A prioridade para esse extrato mais abastado eram as discussões políticas e debates acerca de divagações sobre a vida em geral. No entanto, essa não era a realidade para todos os gregos. “De fato, na Grécia antiga não existia nenhuma palavra para expressar a noção do trabalho como função social. Talvez porque a grande massa da população não tivesse alternativa senão trabalhar arduamente para garantir o próprio sustento.” (SENETT, 2014, p. 35)

Para Nietzsche (2012), a comunhão entre esses dois perfis não é seminal somente na gênese da tragédia grega, mas em todo o progresso do fazer artístico: para ele, teremos ganho muito a favor da ciência estética se chegarmos concordarmos “que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e do dionisíaco”. (NIETZSCHE, 2012, p. 24) O filósofo alemão chega a comparar a dependência dessas duas categorias para o desenvolvimento artístico com a dualidade entre os sexos, essencial para a procriação. Trata-se de uma “luta incessante e onde intervêm periódicas reconciliações” (NIETZSCHE, 2012, p. 24) Roberto Machado (2005) explica que o apolíneo é, para o pensador alemão, o princípio de individuação: processo de criação de indivíduo que acontece como uma experiência da medida e da consciência em si. A denominação tem como origem o deus Apolo, cujos lemas são “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em demasia”. Ainda para Machado (2005), por outro lado, dionisíaco é, sob o olhar de Nietzsche, originado no culto das bacantes: cortejos orgiásticos de mulheres que dançando, tocando instrumentos e cantando, alcançam uma reconciliação das pessoas com as pessoas e com a natureza, uma harmonia universal e um sentimento místico de unidade.

Assim sendo, a hipótese nietzschiana para a origem da arte trágica grega dá conta que a reconciliação entre esses dois princípios que, em um momento inicial, podem ser concebidos como antagônicos, foi essencial. De certa forma, a tragédia

revivia a embriaguez dos sátiros e silenos, que suprimia a concepção de individuação. Para tanto, a música exerce uma função essencial. Nietzsche chega a sentenciar que existem inimigos da filosofia e fazemos bem se os escutarmos, “especialmente quando desaconselham a metafísica às cabeças adoecidas dos alemães e pregam a purificação pela *physis*, como Goethe, ou a cura pela música, como Richard Wagner”. (NIETZSCHE, 2011, p. 26)

Nesse contexto, a canção popular se apresenta como “espelho musical do mundo, como melodia primigênia, que procura agora uma aparência onírica paralela e a exprime na poesia. A melodia é, portanto, o que há de primeiro e mais universal, podendo por isso suportar múltiplas objetivações, em múltiplos textos”. (NIETZSCHE, 2012, p. 45) Para aproximar os leitores dos conceitos de apolíneo e dionisíaco, logo no princípio de *O Nascimento da Tragédia*, o autor compara o primeiro a um sonho e o segundo a uma embriaguez. Dessa forma, a música popular, como foi visto acima, em si, já traz uma união de ambos impulsos. Também de acordo com Erwin Rohde, filólogo alemão responsável por escrever uma resenha sobre *O Nascimento da Tragédia* para a publicação literária *Norddeutsche Allgemeine Zeitung* quando em sua publicação, em 1872, “um entusiasmo dionisíaco irrompeu poderosamente e agitou toda Hélade. Na música dionisíaca, esse entusiasmo expressava artisticamente sua vida ardente.” (ROHDE in MACHADO, 2005, p.39)

O coro, conjunto que entoia tais cânticos, é outro elemento que, assim como a música, é essencial para a arte trágica. Para compreender sua participação, Nietzsche (2012) evoca “o pensamento de A. W. Schlegel, o qual nos aconselha a encarar o coro, em certa medida, como a suma e o extrato da multidão de espectadores, como o ‘espectador ideal’”. (NIETZSCHE, 2012, p. 50) Nesse momento, o filósofo alemão afirma que “espectador sem espetáculo é um conceito absurdo” e questiona. “Que espécie de gênero artístico seria esse que fosse extraído do conceito de espectador e do qual se considerasse o ‘espectador em si’ como a verdadeira forma?”. (NIETZSCHE, 2012, p. 51) E o autor chega à conclusão que o coro deve ser “visto como uma muralha viva que a tragédia estende à sua volta a fim de isolar-se do mundo real e salvaguardar para si o seu chão ideal e sua liberdade poética”. (NIETZSCHE, 2012, p. 51)

Nesse ambiente, quando desfruta da arte trágica, o homem civilizado grego sente-se suspenso em presença do coro satírico; e o efeito mais imediato da tragédia dionisíaca é que o Estado e a sociedade, sobretudo o abismo entre um homem e outro, dão lugar a um superpotente sentimento de unidade. O sentimento “de que a vida, no

fundo das coisas, apesar de toda a mudança das aparências fenomenais, é indestrutivelmente poderosa e cheia de alegria” funciona como um consolo metafísico. “É nesse coro que se reconforta o heleno com o seu profundo sentido das coisas, tão singularmente apto ao mais terno e ao mais pesado sofrimento”: “ele é salvo pela arte, e através da arte salva-se nele – a vida”. (NIETZSCHE, 2012, p. 52)

A maneira como os gregos conviviam pelas cidades-estados gregas propiciava uma condição para o florescimento de outras atividades que davam chance para a fruição do arquétipo dionisíaco. Richard Senett (2014) destaca a valorização atribuída ao corpo nesse período. Para esse autor, exhibir-se era uma experiência cidadã. Era possível, inclusive, estabelecer uma relação entre a proposição de ideias e exibição corporal. A interação entre os corpos nas cidades era uma experiência política. O ambiente e o debate sobre as coisas públicas no mundo helênico durante o período era restrito aos homens livres. Dessa maneira, mulheres e escravos eram aliados dessa relação. Em Atenas, por exemplo, ambas atitudes faziam parte da convivência democrática. “Os atenienses tomavam essa convenção tão ao pé da letra que na Grécia antiga a paixão erótica e o apego à cidade eram designados pelas mesmas palavras.” (SENETT, 2014, p. 31) Nesse contexto, os políticos ansiavam por reconhecimento tanto nos debates da ágora quanto como amantes.

Além disso, a localização geográfica também favorecia isso. A Grécia é a conexão entre o leste europeu e a Europa ocidental. À beira do mar Egeu, o território também está próximo ao continente africano, assim como está perto da Ásia. A comunicação intercontinental era possível. Essa pode ser uma das explicações para o aparecimento, naquela região, de práticas semelhantes ao que conhecemos como futebol hoje. Talvez seja esse mais um indício da capacidade de assimilação grega – já que, cerca de 2600 a. C., práticas parecidas podiam ser encontradas na China e no Japão, com os nomes *tsu tsu* e *kemary*, respectivamente. O *epyskiros* e *harpastum*, duas atividades também muito parecidas com o futebol presentes na Grécia, no século IV A.C., e em Roma, no século I A.C., respectivamente, também apresentavam uma ligação muito forte com Dionísio, o deus do vinho. Quando praticadas por gente do povo, em geral nas festas em homenagem a Baco”, tais modalidades se tornavam “mais livres, mais soltas, porque se tornavam rituais dionisíacos (carnavalizados). As duas modalidades também eram praticadas pelas elites de suas respectivas sociedades – os cidadãos das polis gregas e os patrícios romanos. No entanto, somente nas ocasiões que reuniam os menos abastados em função dessas atividades, era possível observar uma

maior liberdade, “a modalidade se tornava mais bonita, espontânea, mas também mais vigorosa”. (MURAD, 2012, p. 70)

Embora fosse intensa a experiência proporcionada pela arte trágica, essa se deu apenas em um período limitado de tempo. Para Nietzsche (2012), esta expressão morreu de suicídio, diferentemente do que acontece com as outras artes, que padecem de um falecimento natural. Foi com Eurípedes que esse processo de autoflagelação foi consumado. Para Nietzsche, Eurípedes foi uma simples máscara. “A divindade que falava por sua boca não era Dionísio, tampouco Apolo, porém um demônio de recentíssimo nascimento chamado SÓCRATES”. (NIETZSCHE, 2012, P. 76) Roberto Machado (2005) explica que, na visão de Nietzsche, há duas causas principais para essa derrocada da arte trágica a partir da obra do artista grego: a primeira é a prevalência, em Eurípedes, do homem teórico, do pensador racional, sobre o artista, o poeta. A segunda é o fato de Sócrates colocar na arte a lógica, a teoria, o conceito, subordinando o poeta ao teórico, a beleza à razão. Com essa invasão de conceitos, começa uma tentativa de buscar a verdade pela arte, assim como a filosofia tinha como meta.

Dessa forma, conclui Nietzsche: “eis a nova contradição: o dionisíaco e o socrático, e por causa dela a obra de arte da tragédia grega veio abaixo”. (NIETZSCHE, 2012, p. 76) Nietzsche (2012) detectava no prólogo euripediano um sintoma dessa maneira racionalista com a qual o teatrólogo conduzia sua arte. “O prólogo euripediano nos serve de exemplo da produtividade desse método racionalista. Nada pode haver de mais contrário à nossa técnica cênica do que o prólogo do drama de Eurípedes.” (NIETZSCHE, 2012, p. 78) O prólogo era um mecanismo para trazer o espectador para a cena. No entanto, a explicação acabava por delimitar a experiência própria, característica da tragédia.

E o autor alemão continua. “A metafísica do artista trágico, em que a experiência da verdade dionisíaca se faz indissolúvelmente à bela aparência apolínea, é capaz, com sua música e seu mito, de justificar a existência do ‘pior dos mundos’, transfigurando-o.” (NIETZSCHE, 2012, p p.77) O mesmo não acontece com a metafísica racional socrática, criadora do espírito científico. A oposição entre a genuína diretriz da arte trágica e o que começava a aparecer em Eurípedes era intensa. Suas propostas eram distintas, sendo a própria metafísica inaugurada por Sócrates “incapaz de expressar o mundo em sua tragicidade, pela prevalência que dá a verdade em detrimento da ilusão e pela crença de que é capaz de curar a ferida da existência”. (MACHADO, 2005, p. 11)

O que Sócrates, com “seu grande e único olho ciclópico” – Nietzsche usa essa referência da antiga mitologia para enaltecer a vilania que o grego simbolizava para essa manifestação artística – encontrava ao analisar a arte trágica? “Algo verdadeiramente irracional, com causas sem efeitos e com efeitos que pareciam não ter causas; e, no todo, um conjunto tão variegado e multiforme que teria de repugnar a uma índole ponderada.” (NIETZSCHE, 2012, p. 84) Entretanto, para as almas sensíveis e suscetíveis, a arte trágica significava uma perigosa isca, apesar de Sócrates indicar que a tragédia grega nunca apontava para a verdade. Como Platão, ele a incluía nas artes adadoras, que não representam o útil, mas apenas o agradável, e por isso exigia de seus discípulos a abstinência e o rigoroso afastamento de tais atrações, tão pouco filosóficas. A capacidade devastadora dessa normatização proposta pelo socratismo é enorme, e teve consequência até sobre figuras influentes que caminhavam pelas cidades gregas. O próprio Platão, antes poeta trágico, teria sofrido tão diretamente com essas reprimendas que “queimou, antes de tudo, os seus poemas, a fim de poder tornar-se discípulo de Sócrates”. (NIETZSCHE, 2012, p. 84)

3.2. O dionisíaco futebol brasileiro

A maneira como o mulato do litoral brasileiro pratica o futebol, para Gilberto Freyre, transforma o esporte em um jogo dionisíaco. Por outro lado, o futebol praticado pelos britânicos, inventores do esporte é, essencialmente, apolíneo (apud FILHO, 2003, p. 217). A oposição entre o futebol praticado por brasileiros e britânicos vai aparecer em vários capítulos da história do Maracanã, inclusive em sua reinauguração, em 2013. A constatação se insere em um contexto de tentativas, por parte da intelectualidade brasileira, de detectar elementos de coesão e identidade nacional.

De acordo com Lovisolo e Pereira, a Copa do Mundo de 1938 foi fundamental para definir a identidade estética dionisíaca que circunscreve, até hoje, o futebol brasileiro. A crônica “Foot-ball Mulato”, publicada no jornal *Diário de Pernambuco*, em 17 de junho de 1938 – dois dias antes da final do terceiro campeonato mundial do esporte –, apresenta o advento dessa interpretação da maneira singular de jogar. Leônidas da Silva, principal atleta nacional no torneio, personificava esse conceito. “A forma de jogar brasileira parecia usar a dança mestiça e dionisíaca (em contraste com o estilo europeu apolíneo), metáfora na descrição da forma particular como o país praticava o esporte.” (LOVISOLO & PEREIRA in HELAL & CABO, 2014, P. 48). A exaltação de tal forma de disputar o esporte, que já havia sido difundido pelo mundo,

era ímpar e chamava a atenção da imprensa internacional. Até por isso, a apologia a essa maneira de praticar o futebol se enquadrava no enaltecimento da mestiçagem, tão presente na produção do pensador pernambucano.

O negro, que trouxe consigo da África uma forte tradição rítmica, musical e com relação à dança. Essa herança era o alicerce desse jeito singular que o brasileiro apresentava ao jogar futebol. Exposto às mazelas sociais mais intensas, ele se superava pelo esporte. “A história social do futebol brasileiro é um capítulo de nossas lutas sociais, políticas, culturais. A popularização/democratização do futebol, fruto da resistência e das lutas das camadas desfavorecidas da sociedade, foi consolidada nas décadas de 1940 e 1950.” (MURAD, 2012, p. 77) A participação popular ajudou a consolidar o esporte, trazido da Inglaterra por jovens de situação econômica mais abastada, como símbolo do país. Um fenômeno semelhante aconteceu com o outro elemento de identidade nacional: o samba.

No começo, o ritmo, que misturava influência de vários povos estrangeiros, foi caçado pelas autoridades. Posteriormente, pela maciça adesão popular e pela inclinação de vários intelectuais – como o próprio Gilberto Freyre –, que identificaram essa manifestação como a síntese da capacidade brasileira de encontrar soluções e superar adversidades, o samba passou a ser reconhecido. Em vários momentos e circunstâncias, há a concomitância entre essas duas manifestações. A investigação antropológica do Núcleo de Sociologia do Futebol, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), realizada em 1990, “comprovou que nas origens culturais da Mangueira, além do samba, o futebol também teve lugar proeminente”. (MURAD, 2012, p. 120) Na comunidade carioca que abriga a sede de uma das mais famosas agremiações carnavalescas, “havia até uma atividade habitual, geralmente aos domingos no final da manhã: um torneio cujas partidas eram entre ‘coroas’ e ‘coroados’”. (MURAD, 2012, p. 120)

Os primeiros eram os que ainda não tinham alcançado a fama no mundo do samba, como ainda jovem sambista Mestre Delegado. Do outro lado, estavam os nomes consagrados, como o compositor Cartola. Nem sempre estes eram tão habilidosos quanto os outros, geralmente mais novos. Havia uma exigência para disputar a partida: estar fantasiado. “Os jogadores criavam as mais variadas e engraçadas fantasias, que também concorriam a uma premiação simbólica, à parte. Após as partidas, rolava um ‘feijão rico’ na casa de dona Zica, regado a muita cerveja e ‘cana crua’.”. (MURAD,

2012, p. 121) E, é claro, o samba servia de trilha sonora para a confraternização entre os adversários.

A musicalidade de nossas raízes culturais e nossa ginga corporal ajudaram a construir o estilo brasileiro – chamado também de futebol mulato. Atletas, sambistas e pesquisadores identificam que essas características foram determinantes até para que os negros conseguissem entrar no ambiente no qual era praticado o futebol. Inicialmente, o acesso era restrito aos brancos, que transitavam entre a elite. Domingos da Guia, defensor que se destacou no Bangu, na Seleção Brasileira e no Flamengo na era que antecedeu o processo de criação do Maracanã, declarou, em depoimento ao Núcleo de Sociologia do Futebol da Uerj, em 1995, que a malemolência o ajudou a se firmar como atleta profissional. “Eu era bom de baile mesmo, e isso me ajudou em campo [...] Eu gingava muito [...] o tal drible curto eu inventei imitando o ‘miudinho’, aquele tipo de samba”. (apud MURAD, 2012, p. 92)

Também em depoimento ao Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ, em 1991, Mestre Delegado confirmou essa visão que compreende o drible como um mecanismo de resistência. Além disso, o músico afirmou ter usado desse artifício para a própria proteção. “Eu sou crioulo, né? Mas joguei muito e apanhei muito. Era só vacilar. Num jogo do Cerâmica com o Hadock Lobo, só porque eu fiz uma falta normal, apanhei até da polícia”. A partida que o sambista cita envolveu dois pequenos clubes da Zona Norte do Rio. Ele ainda ressalta a origem da sua qualidade como atleta. “Eu jogava bem, tinha ginga, tinha manha, a mesma do samba.” (apud MURAD, 2012, p. 92) O jornalista Thomaz Mazzoni registra que “os jogadores de cor, quando passaram a ter livre acesso no futebol oficial, em times médios inicialmente, comiam o pão que o diabo amassou”. (apud MURAD, 2012, p. 92) Tal resistência também se manifestava em outras expressões da cultura afrodescendente, como a capoeira.

O drible, no futebol brasileiro, pode ser entendido como o mais representativo símbolo do dionisíaco. Como já foi exposto, há nessa manifestação muito de imprevisível e não mecânico. Longe da individuação, o atleta que executa a jogada e consegue enganar o marcador do outro time, entra em comunhão com a torcida, que vibra e urra em êxtase. No Maracanã, essa era uma cena recorrente. Ao descrever a reação dos torcedores com os lances de Garrincha pela Seleção Brasileira e pelo Botafogo, Marcos de Castro (2011) põe em relevo uma característica singular no Brasil: o encantamento pelo drible. “Figura de características muito pessoais e raras, dessas cujo jogo encanta o torcedor brasileiro, que vê no drible a coisa mais saborosa do

futebol”. O escritor ainda destaca que “há no Brasil quem ache mais gostoso apreciar uma boa sequência de dribles do que um gol”. (CASTRO & MÁXIMO, 2011, p. 269)

Até mesmo figuras que não conseguiam destaque na Seleção Brasileira entravam na memória das torcidas ao conseguir conciliar esses dois elementos fundamentais do universo dionisíaco brasileiro: Maracanã e drible. Consumando a proposta popular, igualitária e inclusiva presente quando da criação do estádio estava Rubens, conhecido como “Dr. Rubis”. Durante um curto período de tempo, ainda na década de 1950, “Rubens foi o jogador mais popular do Brasil: seus dribles curtos, passes de curva, cobranças de faltas e chutes a gol davam a entender que ele era uma espécie de gênio. Dizia-se que era homossexual, mas, mesmo que isso fosse verdade, a torcida não queria nem saber”. (CASTRO, 2001, p. 122-123)

A embriaguez também é uma característica que aproxima grandes figuras do futebol, o Maracanã e a expressão dionisíaca da Antiguidade Clássica. E não pela alta incidência de alcoolismo que atinge que muitos atletas. João Saldanha e Heleno são exemplos de personalidades que, por meio da boemia, se integravam à cidade. Ambos “inseparáveis nas noites de Copacabana, cumpriram então destinos esportivos distintos”. (MÁXIMO, 1996, p. 28) Saldanha se tornou dirigente e técnico do Botafogo, jornalista e treinador da Seleção Brasileira. Heleno se tornou um atacante folclórico do mesmo Botafogo, e do selecionado nacional. Problemas de saúde, bem como o consumo excessivo de drogas, como o éter, deixaram Heleno de Freitas participar de somente um jogo no Maracanã, já quando representava o América Football Club, do Rio de Janeiro. O temperamento espontâneo e voluntarioso, marca do centroavante, fez com que ele fosse, inclusive, expulso da partida.

Até mesmo clubes brasileiros de fora do Rio de Janeiro optavam por mandar suas partidas no Maracanã. O caso mais emblemático foi o do Santos da década de 1960, que tinha Edson Arantes do Nascimento como camisa dez. Já naquela época, havia uma procura muito grande, por parte dos clubes europeus, pelos principais atletas brasileiros. “Por que Pelé não foi? ‘Por amor à camisa’, diria o Rei do Futebol”. (COELHO, 2009, p. 92) Passagens importantes no Estádio Municipal contribuíram para que ele ganhasse essa alcunha. O milésimo gol do mais reconhecido jogador brasileiro, marcado na meta do goleiro Andrada, do Vasco da Gama, teve o Maracanã como palco. Outro fator que contribuiu para a permanência de Pelé foi o econômico. “Pelé recebia o maior salário do futebol brasileiro, o que fazia dele um caso diferente dos que levaram

Evaristo, Canário, Walter Marciano e Didi para o futebol brasileiro.” (COELHO, 2009, p. 92)

Mario Filho (2003) mostra que a malemolência apresentada em campo pelos atletas estava em harmonia com a reação do público que assistia às partidas nos estádios do Brasil. De certa forma, essa expressão artística única era transmitida, reciprocamente, entre o campo e a torcida, com “a torcida levando para a geral, para as arquibancadas, cuícas, pandeiros e tamborins, enchendo o estádio de sons de samba. Os jogadores não errando o passo”. (FILHO, 2003, p.217) Portanto, o coro formado pelos torcedores também fazia parte do espetáculo. O Maracanã era a representação máxima dessa interação. Para Filho, a comunhão entre o público e os jogadores que pelejavam dentro de campo por uma vitória no Maracanã já foi sentida no primeiro torneio disputado no local. No dia 13 de julho, a Seleção Brasileira enfrentou a Espanha na fase final da Copa do Mundo de 1950 no estádio. “Era uma Nova Era que ia se abrir para o futebol brasileiro (...) uma multidão de duzentas mil pessoas cantou, de repente, na hora exata, sem aviso prévio, sem um sinal, as ‘Touradas de Madri’.” (Ibidem, 2012, p. 283).

A canção entoada, de autoria do compositor Braguinha, pertence ao gênero das marchinhas, que comumente são interpretadas durante o período do carnaval. A multidão presente no jogo contra a Espanha, na Copa do Mundo de 1950, cantou a música como provocação aos adversários que, até então, eram reconhecidos como um dos mais habilidosos times do torneio. Assim como o futebol, a supracitada festa popular também pode ser considerada um elemento de identidade nacional. Além disso, também é possível relacionar a expressão dos torcedores de futebol com as manifestações que acontecem no carnaval, principalmente a partir da observação, em ambos, da fruição e da espontaneidade. No entanto, existe ainda outra semelhança entre os dois fenômenos: a subversão.

Este aspecto aparece nitidamente na obra do filósofo e linguista russo Mikhail Bakhtin (1895-1975). A partir da obra do escritor François Rabelais e, por conseguinte, da análise do contexto da Idade Média, Bakhtin (2010) elucida o caráter subversivo dos festejos com apelo popular desse período. “As manifestações populares, na praça pública, como suas festas carnalizadas, que rebaixavam reis e figuras santas.” (apud BOMBONATO, 2013, p.15) Fenômeno semelhante acontecia durante as partidas no Maracanã quando, de certa forma, hierarquias sociais eram suplantadas pela irreverência e espontaneidade. Bombonato (2013) detecta, no universo do futebol brasileiro, uma intensa presença dessa forma de subversão. Em várias passagens da história do futebol

brasileiro, ocorre essa subversão de posições sociais. A supracitada relação entre negros e brancos na difusão do esporte, nas primeiras décadas do século XX no Brasil, e a igualdade que o Maracanã impunha ao público que frequentava os jogos da Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo de 1950 são exemplos disso. “Carnavalização, em termos bakhtinianos, indica, em certa medida, algo de subversão, ou seja, um jogo que envolve uma crítica jocosa ‘à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal, que passa a ser ilustrada pelo povo.’” (BOMBONATO, 2013, p.15)

Na ótica de Juvenal, defensor da Seleção Brasileira que estava em campo na última partida da Copa de 1950 no Maracanã, a relação entre a torcida e o jogo disputado dentro do campo neste estádio era muito mais intensa do que a estabelecida por um público meramente contemplativo. No entanto, o espetáculo popular era capaz de reações adversas. Tendo como exemplo a derrota da Seleção Brasileira em 1950, na última partida da Copa do Mundo de 1950, ele descreve: “eu senti uma influência negativa do silêncio que se fez no Maracanã (...) Com o silêncio, o jogo esfriou”. (NETO, 2013, p. 55 - 56).

Ao se referir ao turfe, outro popular esporte no princípio do Século XX, Nelson Rodrigues sintetiza uma noção que envolve a história do Maracanã. Quando é observado o desenvolvimento do futebol no Brasil, é comum pensar que o que acontece dentro das quatro linhas que atrai multidões e tornou o esporte um elemento de identidade nacional. “Não e pelo contrário”, discorda o cronista esportivo e dramaturgo. “O jogo é um simples e deslavado pretexto. É a coisa paisagística que magnetiza”. (RODRIGUES, 2012, p. 146) É possível estabelecer uma correspondência entre esse terreno sagrado, frutífero para a proliferação do dionisíaco na Grécia da Antiguidade, e o estádio e o campo.

O Maracanã entrou para a tradição do Rio de Janeiro como um polo irradiador do dionisíaco. Um exemplo é, novamente, a Copa do Mundo de 1950, que “contagiava da cidade. O jornal anunciava festa veneziana, ou seja, desfiles de barco na Baía de Guanabara no sábado, dia 8, em homenagem às delegações presentes, organizada pela Capitania dos Portos e pela Prefeitura”. Esse não era o único evento social que mobilizava os cariocas entorno do futebol. “Filmes oficiais da primeira fase do torneio eram exibidos nas sessões Passatempo Capitólio Cinelândia, e os ingressos eram vendidos em vários pontos da cidade, como nos teatros Municipal e Carlos Gomes e nas Lojas Dragão e Exposição.” (HELAL & CABO, 2012, p. 63-64) Essa é uma

demonstração do apelo que o futebol também tinha diante das esferas governamentais e da iniciativa privada.

Há também uma dimensão psicológica no espetáculo das torcidas, que prolonga os aspectos metafísicos abordados por Nietzsche. Para o jornalista Armando Nogueira (1994), as arquibancadas de estádios de futebol são “divã da catarse nacional”. Presente no Maracanã no dia da partida entre Brasil e Uruguaí no Mundial de 1950, ao relatar os momentos que precederam o jogo, o jornalista defende que a relação dos torcedores com os políticos da época que o faz chegar a essa conclusão. “Chegam as autoridades. O nome do prefeito Mendes de Moraes é recebido com uma vaia colossal. O homem fez o estádio. Mesmo assim, leva pau.” (NOGUEIRA et al, 1994, p. 21) A visão de Armando Nogueira está em consonância com o pensamento de Roberto da Matta. Para o sociólogo, o “football é a oportunidade de cada um esquecer que existe e descobrir, nas camadas ocultas de si mesmo, o homem eterno, sedento de emoções”. (apud MOURA, 1994, p. 16)

Também existe, com relação ao futebol, uma relação mística. Apesar das vicissitudes pelas quais passou o processo religioso no Brasil e das incertezas quanto ao seu destino, fica evidente que o brasileiro tem a necessidade de acreditar em alguma coisa, já que as crenças ocupam (e ocuparam durante um longo período do processo civilizatório brasileiro) um papel de fator interveniente no cotidiano, nas aspirações e nas angústias. Além disso, a religião busca “responder a alguns questionamentos, como ‘qual o sentido da vida e da morte?’” (VALENTE in LOVISARO & NEVES, 2005, p. 37). Ao longo do tempo, o futebol passou a ocupar esse papel místico no dia-a-dia de grande parte da população brasileira já que, “apesar de ter surgido com características profanas, ao longo do tempo foi se ritualizando através da existência de profundas paixões, em que muitas coisas ‘entram em jogo’”. (VALENTE in LOVISARO & NEVES, 2005, p. 37-38-39) A participação determinante da sorte nos resultados futebolísticos também auxilia para que o esporte ocupe esse espaço numinoso.

4. O NOVO MARACANÃ

Na virada do século, o Maracanã começa a ser submetido a uma série de intervenções que gerariam transfigurações arquitetônicas no estádio. No entanto, as mudanças não seriam perceptíveis somente nas estruturas do antigo Gigante do Derby: o espetáculo protagonizado pelas torcidas também sofre com as alterações. Ao longo do período da mais recente reforma, que tinha como justificativa a adequação aos padrões exigidos pela Fifa para que a nova arena recebesse jogos da Copa do Mundo de 2014, foram muitas as críticas à maneira como a remodelação foi conduzida pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro – a esfera governamental então administradora do aparelho esportivo.

O Governo Federal, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), avalizou as transformações. Pesquisadores e a imprensa online se dedicaram a fazer essas denúncias. Ao fim das obras, a arena foi concedida à iniciativa privada. Nesse momento, novamente, é possível estabelecer um paralelo entre a derrocada da tragédia na Grécia antiga e as mudanças no espetáculo das torcidas no Novo Maracanã. Assim como na arte helênica, a inserção de exigências nessa manifestação que se caracterizava, tradicionalmente, pela fruição da espontaneidade, ocasionou notáveis impactos.

4.1. Sobre as alterações no estádio

Uma matéria publicada no portal UOL, no dia 26 de abril de 2013⁹, dissecou as intervenções feitas no estádio para a segunda Copa do Mundo de futebol realizada em território brasileiro. A reportagem relata que todos os assentos foram trocados, que foram instalados 110 camarotes com acesso restrito e que a capacidade máxima do estádio foi reduzida e passou a ser de 78.639 depois das intervenções. O custo para os cofres públicos teria totalizado R\$ 859,5 milhões, valor muito acima da previsão inicial, que era de R\$ 705,6 milhões. Não foi a primeira reforma pela qual o Estádio Mario Filho passou. Na ocasião do Mundial de Clubes da Fifa, em 2000, o estádio foi submetido a uma intervenção como forma de comemoração do cinquentenário e após o descaso de administrações que negligenciaram o estado do palco da final da Copa de 1950. (MÁXIMO, 2000, p. 18). Na ocasião, com a justificativa de promover mais

⁹ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2013/04/26/maracana-sera-reaberto-neste-sabado-entenda-a-polemica-sobre-a-reforma.htm>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 1h48).

conforto, comodidade e segurança, o uso da geral – setor mais próximo ao campo e com ingresso mais barato, onde era possível assistir ao jogo de pé e não havia assentos – começou a ser questionado. No decorrer da mesma década, o setor foi interditado. Posteriormente, também foram feitas obras para a realização dos Jogos Pan Americanos de 2007, orçadas em R\$ 196 milhões¹⁰. Nesse segundo momento, o espaço ocupado pela geral foi substituído por uma área com cadeiras, cujos valores eram superiores, mas que continuavam mais baratos do que os demais.

A expectativa inicial das autoridades era que as intervenções, iniciadas em agosto de 2010, fossem finalizadas em dezembro de 2012 (portanto, com seis meses de antecedência para a Copa das Confederações, primeira competição que o local sediaria após as obras). A entrega do Estádio Mario Filho, entretanto, só foi realizada no dia 24 de maio do ano seguinte. De acordo com a mesma reportagem, publicada na página do UOL, “do custo total da obra, R\$ 400 milhões seriam financiados pelo BNDES. O restante seria pago pelo governo estadual.” Apesar de todo esse investimento estatal, o estádio foi transmitido para a administração da iniciativa privada. Matéria publicada no site Globoesporte.com no dia 9 de maio do mesmo ano¹¹ e assinada por Marcelo Baltar e Felipe Costa noticia que o grupo vencedor do processo de concessão foi o Maracanã S.A, composto por “Odebrecht Participações e Investimentos S.A. (empresa líder, com 90%), IMX Venues e Arena S.A (de propriedade de Eike Batista, com 5%) e AEG Administração de Estádios do Brasil LTDA (também com 5%)”. O anúncio do vencedor foi feito pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro em sua sede, o Palácio Guanabara.

A supracitada matéria do Globoesporte.com ainda afirma que o consórcio seria o responsável pela administração do estádio por 35 anos, a partir da final da Copa das Confederações de 2013. O grupo vencedor teria oferecido R\$ 5,5 milhões anuais por 33 anos, totalizando R\$ 181,5 milhões, para conseguir vencer a disputa contra outros dois concorrentes. O Maracanã, assim como em 1950, passou por dois eventos de inaugurações após as reformas para a adequação às exigências da Fifa para a realização da Copa. A primeira foi uma partida amistosa entre amigos de Bebeto e Ronaldo, no dia 27 de abril, sem a presença de público pagante. Nesse episódio, o tempo de jogo foi

¹⁰ Disponível em: <<http://www.suderj.rj.gov.br/maracana.asp>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 1h48).

¹¹ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/05/maracana-liminar-tira-temporariamente-camarotes-do-processo-de-licitacao.html?unfold=251c28c8b75dcec8011fc1235c893dc>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 1h48).

igual ao regulamentar, definido pelas federações e confederações que cuidam do futebol: somente dois tempos de 30 minutos.

Para avaliar a concessão do estádio-sede das partidas finais das Copas do Mundo de 1950 e de 2014, o próprio Governo do Estado do Rio de Janeiro, responsável pela transição da administração do complexo esportivo do poder público para a iniciativa privada, utiliza a palavra modernização. Em um texto publicado no site do Governo¹², no dia 9 de maio de 2013, Régis Fichtner, então Secretário da Casa Civil estadual, declara que “a gestão do antigo estádio já tinha grande custo para o Estado e com a modernização teria ainda mais”. Ao classificar os gastos com a manutenção como fator preponderante para a decisão de passar para empresas privadas a administração do Maracanã, a afirmação de Régis Fichtner, responsável pela análise da documentação do consórcio vencedor antes da homologação da licitação, coloca em um segundo plano discurso de exaltação das novidades do novo complexo esportivo, pondo em relevo o custo da nova arena.

A segunda inauguração seria em 2 de junho de 2013. Dessa vez, atletas profissionais entrariam pela primeira vez no campo de dimensões reduzidas do Novo Maracanã. A partida serviria de teste para o estádio, que receberia pela primeira vez um público pagantes desde seu fechamento. Em virtude da Copa das Confederações, que também seria realizada em território brasileiro, a Seleção Brasileira seria a equipe mandante da partida. O adversário escolhido: a Inglaterra, nação onde foi fundado o futebol. O mesmo selecionado inglês que chegou à primeira Copa do Mundo realizada no Brasil como principal adversária do time da casa na disputa pelo título. De acordo com Moura (1998) participação da seleção inglesa em seu primeiro Mundial, em 1950, despertou grandes expectativas e foi “unânime a preocupação e o zelo extremado com os ingleses”, já que esses eram vistos como “os praticantes do melhor futebol do mundo”. (MOURA, 1998, p. 58) Na ocasião, a seleção inglesa, contudo, não conseguiu nem se classificar para a fase final do torneio, se complicando em um grupo com Espanha, Chile e Estados Unidos.

Uma matéria, publicada no dia do jogo no site UOL e assinada por Pedro Ivo Almeida e Vinícius Konchininski¹³, destaca outra mudança no estádio. “O altíssimo

¹² Disponível em: < <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1569955> > (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 1h48).

¹³ Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/02/maracana-tera-precos-elevados-com-mate-a-r-7-e-cachorro-quente-100-mais-carro.htm> > (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 2h00).

preço dos ingressos” não seria uma preocupação isolada de quem fosse ao jogo entre Brasil e Inglaterra no domingo seguinte. “As lanchonetes dentro do estádio também apresentarão preços bem elevados para comidas e bebidas no jogo deste fim de semana”, adiantava a reportagem. A matéria chamava atenção para que, até quando comparados com os valores cobrados nos outros estádios-sede da Copa das Confederações – que seriam usados novamente na Copa do Mundo do ano seguinte –, como a Arena Castelão, em Fortaleza, e o Estádio Nacional, no Distrito Federal –, os preços cobrados no Maracanã ainda eram considerados altos.

O jornalista Juca Kfoury relata uma circunstância que mostra uma mudança de tendência nas próprias lideranças do Comitê Organizador Local da Copa (COL) com relação ao perfil dos estádios que sediariam os jogos do Mundial de 2014. Em 1998, o então presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, teria dito, ao assistir a um jogo da competição da Fifa no antigo estádio de Marselha, construído para o Mundial de 1938, e reutilizado para o Mundial de 1998: “se aqui pode ter jogo de Copa, o Brasil também pode organizar uma.” A reflexão do então presidente da CBF tinha uma relação direta com as condições dos aparelhos esportivos brasileiros naquela época. Embora não fossem uma referência mundial em comodidade, uma característica dos estádios era a acessibilidade para diversas camadas da sociedade, ainda naquela época.

No entanto, o dirigente, já em 2007, dava indícios que, as experiências nos mundiais da Coreia do Sul e do Japão, em 2002, e da Alemanha, em 2006, “modificaram conceitos, com a construção de uma porção de arenas, com dinheiro a rodo”. (KFOURI, 2009, p. 99) A África do Sul, país-sede da Copa de 2010, também teria tentado seguir esse novo modelo. O padrão de exigência internacional também foi imposto aos países que se propuseram a sediar outros grandes eventos futebolísticos internacionais, como o principal torneio entre seleções europeias, a Eurocopa. Em matéria publicada no site da ESPN Brasil também no dia 2 de junho e assinada por Paulo Cobos, Tiago Leme e Pedro Henrique Torre¹⁴ narra a surpresa da imprensa inglesa com a semelhança entre o Maracanã e o Estádio Olímpico de Kiev, na Ucrânia. “O estádio está muito bonito, mas é bem diferente daquele velho Maracanã que eu via pela televisão”, declarou à reportagem o jornalista Philip McNulty, da emissora inglesa

¹⁴ Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/333676_semelhante-ao-estadio-de-kiev-estilo-do-maracana-chama-atencao-de-midia-inglesa> (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 2h00).

BBC Sports. O estádio em Kiev foi um dos palcos da Eurocopa realizada na Ucrânia e na Polônia, em 2012. A página virtual da emissora é hospedada no portal UOL.

Além disso, matéria publicada no site da ESPN Brasil no dia 21 de maio de 2013 e assinada por Gabriela Moreira e Lúcio de Castro¹⁵ classifica a mais recente obra no antigo Gigante do Derby como “um tombamento desrespeitado, um patrimônio desfigurado, num processo apontado todo como ilegal”. A reportagem denuncia que Carlos Fernando de Souza Leão Andrade, superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) responsável por aprovar as mudanças arquitetônicas no estádio, ao sair de seu cargo no Governo Federal conseguiu outro, no Governo Estadual do Rio de Janeiro, onde receberia R\$ 10 mil por mês em salários. A matéria ainda classifica como “criminosa” a reforma por violar uma exigência do Iphan que determinava que a marquise do Maracanã não poderia ser trocada. A relação entre o superintendente e Governo Estadual do Rio, idealizador das intervenções e agente primordial no processo de concessão do complexo esportivo seria uma prova de falta de ética das partes envolvidas. Helal e Cabo (2013) põem em destaque a malversação da verba pública aplicada nas seguidas intervenções no antigo Estádio Municipal. Para eles, “no que diz respeito ao montante de dinheiro público que vem sendo gasto desde 2000 com três reformas no estádio, independentemente das cifras, trata-se de um exemplo de falta de compromisso ético dos organizadores do evento e dos políticos”. (HELAL & CABO, 2013, p. 289)

Uma palavra recorrente nas matérias dos três sites analisados que enaltecem a modernidade trazida pelas intervenções feitas no antigo Estádio Municipal: violência. O fim da sensação de falta de segurança é evocado com frequência quando o assunto são os possíveis avanços trazidos pelo Novo Maracanã. Contudo, “desde 2005, quando a situação estava muito grave e os órgãos de segurança atuaram, as ocorrências violentas diminuiram dentro dos estádios”. (MURAD, 2012, p. 35) Os episódios de barbárie entre as torcidas passaram, gradualmente, para outros locais da cidade, onde o poder público não dedicava a mesma atenção. “A pesquisa da UERJ e do mestrado da Universidade Salgado de Oliveira (Universo), de 2009/2010, apurou que a violência entre torcedores é praticada por uma minoria de vândalos que oscila entre 5% e 7% das torcidas organizadas.” (MURAD, 2012, p. 35)

¹⁵ Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/330860_dossie-maracana-superintendente-do-iphan-que-autorizou-bota-abaixo-do-maracana-e-funcionario-do-governo-do-estado > (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 2h00).

É importante destacar que esse é o percentual aproximado do grupo de torcedores violentos dentro das torcidas organizadas, e não entre os torcedores em geral. Também é necessário chamar a atenção do período em que foi feita a pesquisa: entre 2009 e 2010. Portanto, no momento em que as intervenções no Maracanã para a Copa de 2014 estavam prestes a começar. Essa redução tem relação direta com a repercussão midiática que a violência começou a ter a partir do ano de 2004, quando era possível ver “pela televisão, torcedores do mesmo time, e até da mesma torcida, brigando e entrando em choques violentos”. (MURAD, 2012, p. 35) Para Murad, essas violentas cenas seriam manifestações do gravíssimo estado da macroviolência no Brasil. O argumento que defende que o aumento do preço como alternativa para o fim da violência também é facilmente rebatido. De acordo com Murad (2012, p. 56), os autores de atos de violência têm, em geral, entre 15 e 24 anos e “pertencem a todas as classes sociais”.

Com a justificativa de revitalizar regiões degradadas para os grandes eventos esportivos que a cidade iria receber, a prefeitura e o governo do Rio de Janeiro promoveram uma série de alterações urbanas. Para o jornalista britânico Andrew Jennings (2014), a polícia e o exército brasileiros eram “agentes da limpeza étnica” que preparavam o terreno para a chegada das redes de hotéis. Jennings ainda reforça o caráter excludente das alterações, que deixam o extrato social mais carente de lado. As ocupações militares integraram o processo de remodelação urbana das favelas cariocas. “A terra é uma das mercadorias mais preciosas na cidade [do Rio de Janeiro], e, se for preciso, vão derrubar casas com escavadeiras de terraplanagem”. (JENNINGS, 2014, p. 10) Uma interpretação possível é que essa modernização proclamada pelas autoridades teve como uma das vítimas o próprio Maracanã.

Para Oldemário Touguinhó (1998), a realidade das Copas do Mundo organizadas pela Fifa atualmente é bem diferente das condições que circunscreveram a realização dos primeiros mundiais de futebol. “O certo é que a Fifa negocia tão bem a Copa que antes mesmo dela começar todas as despesas já estão pagas, com verba de patrocinadores.” (TOUGUINHÓ, 1998, p. 15) Para o mesmo autor, nessas competições organizadas pela entidade máxima deste esporte, “pobre fica de fora.” Para Jennings, desde o início das obras no antigo Gigante do Derby “empreiteiros e seus amigos poderosos estão extorquindo os contribuintes com planos extravagantes para construir e remodelar o estádio Maracanã, reduzindo a capacidade das arquibancadas populares” (JENNINGS, 2014, p.9)

O intuito era utilizar o espaço interno do complexo esportivo para construir “uma fileira de camarotes que somente os *playboys* internacionais podem pagar” (JENNINGS,2014, p.9). Isso não está em conformidade com o papel conquistado pelo esporte no ambiente da construção do Estádio Municipal do Rio. De acordo com Moura (1998) naquele contexto, o futebol, em particular, assumiu não somente a função de diversão e preparação física, mas de canalizador de sentimentos populares. O site da Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (Suderj), órgão público estadual que controlava o estádio até a concessão, define como suas atribuições, entre outras, “incrementar os desportos no Estado visando ao aperfeiçoamento físico e mental do homem” e “estender a camadas cada vez mais amplas o benefício da prática dos desportos”¹⁶.

O paradoxo que se consolidava entre os investimentos para a promoção da Copa do Mundo e as dificuldades com as quais a população do país-sede tinha de conviver deixou setores de África do Sul inconformados. Revoltados com os preços extorsivos dos ingressos, os cidadãos sul-africanos, durante a preparação para a Copa de 2010, realizavam atos que mandavam uma mensagem clara aos políticos: “o dinheiro público deveria ser gasto na construção de casas, nas redes de abastecimentos de água e estações de tratamento de esgoto e na criação de empregos”. (JENNINGS, 2014, p. 11) Kfourri (2009) questiona o porquê de o Brasil insistir em receber grandes eventos esportivos internacionais. Uma das motivações que inspiram a indagação é o fato do país ainda ser uma nação “pobre”, que não pode dar garantia de investimento e ainda pelo fato de grande parte da população ainda conviver com profundas desigualdades sociais. A Olimpíada de 2016, que também usará o Maracanã como uma de seus aparelhos esportivos, também desperta uma série de dúvidas no mesmo autor.

Na ocasião da candidatura do Brasil a esse evento, o jornalista denunciou: “não há controle rígido de gastos, e os comprovantes são apresentados como cada um bem entender”. (KFOURI, 2009, p. 88) Também por isso, Kfourri considera que a organização dos Jogos Olímpicos de Rio-2016 era um escândalo, que servia para favorecer uma espécie de casta que, historicamente, sempre se beneficiava economicamente. Helal e Cabo (2014) mostram que, apesar de todo o discurso de progresso e modernidade, a procura por ingressos para Copa das Confederações foi repleta de violações legais. Os acompanhantes dos idosos, por exemplo, não puderam

¹⁶ Disponível em:< <http://www.suderj.rj.gov.br/atribuicoes.asp> > (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h11)

ficar no mesmo setor que eles, tendo que procurar entradas para o setor que custava R\$ 300. Isso configura uma infração aos Estatutos do Idoso e do Torcedor. Além disso, na ocasião, houve muita confusão nas filas formadas no Rio e em Brasília e problemas com o site de vendas de bilhetes.

4.2. Mudanças no espetáculo

Assim como a normatização desencadeada pelo pensamento socrático foi, para Nietzsche, o estopim para o suicídio da arte trágica grega, é possível compreender que foi também por meio da imposição de regras, por parte da concessionária responsável pela administração do Maracanã, que o espetáculo do estádio sofreu uma intensa alteração. Cabe ressaltar que tais normas engendradas pelo grupo de empresas que detém a responsabilidade de gerenciar as operações na nova arena contam com o aval do poder público, representado, nesse caso, pelo governo do estado do Rio de Janeiro, que coordenou todo o processo de concessão do antigo Gigante do Derby.

Curiosamente, apesar da concessão do Maracanã, o site do governo do estado postou, no dia 2 de junho de 2012, na ocasião do jogo contra a Inglaterra, um texto, assinado por Fabiane Paiva, com o título “Torcida brasileira vive dia histórico da reabertura do Maracanã”¹⁷. O primeiro parágrafo começa com uma série de adjetivos positivos para o evento. “Fantástico, maravilhoso, impressionante, monumental, lindo”. O mesmo texto enaltece ainda que, “colorido de verde e amarelo e repetindo o famoso hino ‘O Maraca é nosso’, os torcedores fizeram a festa dentro e fora do estádio”. A referida canção é uma manifestação da apropriação que as torcidas exerciam perante o estádio, de maneira comunitária. É possível observar o embate interno dentro desse próprio discurso, que faz um movimento pendular, por vezes involuntário, entre a exaltação do caráter popular e a celebração da modernidade.

Isto acontece porque, assim como no ambiente onde a arte trágica era vivenciada, a igualdade era um fator primevo para a concepção do espetáculo do Maracanã. Por manifestações coletivas como a música, a individuação era suprimida, dando origem a uma massa condensada, em comunhão com a natureza e entre si, indivíduos. Alguns gestos, realizados quase simultaneamente pela torcida, tomavam contornos de dança e também geravam o mesmo sentimento. A matéria que foi ao ar no

¹⁷ Disponível em:< <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1609894> > (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h14).

site UOL no dia 15 de julho de 2013¹⁸, mostra que as torcidas de Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo se reuniram com André Lazaroni, então presidente da Suderj, “para discutir o uso de bandeiras, instrumentos musicais e comportamento dos torcedores em geral no Maracanã”. De acordo com o texto, João Borba, presidente da concessionária Maracanã S.A., “revelou que a administração do estádio pretendia sugerir aos clubes e torcidas um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC)”, que restringiria a entrada de bandeiras, por exemplo, com a justificativa de maior segurança e conforto aos frequentadores das arquibancadas.

De acordo com a matéria, a concessionária negou que haveria a proibição da entrada de instrumentos e bandeiras, mas confirmou a proposta para que os clubes dialogassem com seus respectivos torcedores em nome do tripé “conforto, segurança e acessibilidade”. As críticas a essa uniformização dos estádios não foi unanimidade na imprensa esportiva. “Juca Kfourri, José Trajano e Lúcio de Castro, da rede de canal fechado ESPN Brasil, condenaram veemente a ‘pasteurização’ do estádio e da forma de torcer dentro dele”. (HELAL & CABO, 2014, p. 238) Enquanto isso, jornalistas do canal fechado Sportv “argumentaram em favor de supostos benefícios oriundos do conforto e da beleza arquitetônica do padrão Fifa para o remodelados estádio”. (HELAL & CABO, 2014, p. 238) De certa forma, essa necessidade de enquadrar o estádio nos padrões internacionais também contribui para a descaracterização do espetáculo dionisíaco.

Com relação ao tema segurança, no entanto, as torcidas das quatro principais torcidas da cidade do Rio já haviam firmado, em 2010 (portanto, antes do fechamento do Maracanã para reformas), um acordo com o Grupamento Especial de Policiamento em Estádio do Polícia Militar (Gepe), que assegurava o uso dos utensílios, comuns no cotidiano das arquibancadas. Há o choque entre a expressão pura da torcida, acostumada a empunhar bandeiras e bandeirões e utilizar instrumentos musicais de percussão, por exemplo, para marcar o ritmo das canções entoadas pelas torcidas, e o desejo de controle da nova administração do estádio, com a inserção de definições do público-alvo e de métodos de proibição. Somente no dia 18 de julho, na semana do clássico entre Vasco e Fluminense pelo Campeonato Brasileiro do mesmo ano, é que o uso desses utensílios foi autorizado pela Suderj e pela concessionária Maracanã S.A. Uma

¹⁸Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2013/07/15/reuniao-discute-presenca-de-instrumentos-e-bandeiras-no-maracana.htm>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h14).

matéria publicada nesse dia no portal UOL¹⁹, no entanto, relata uma restrição: “as bandeiras, que tradicionalmente ficavam na beira da arquibancada, só ficarão atrás do gol e terão no máximo dez metros”. Também ficou acordado que cada torcida só poderia levar até seis bandeirões para o estádio.

Para Helal e Cabo (2014), a remodelação dos estádios brasileiros vem acompanhada de uma tendência, também observada nas arenas britânicas em partidas de futebol, que culmina no isolamento das classes mais populares. Dessa forma, os estádios se encontram cada vez mais elitizados, em uma tentativa de padronização. Assim como puseram em relevo os jornalistas Juca Kfourri, José Trajano, Mauro Cezar Pereira e Lúcio de Castro, da ESPN Brasil, “a ausência de pessoas mais pobres em função dos altos preços dos ingressos pode retirar uma parcela significativa de antigos frequentadores do estádio”. (HELAL & CABO, 2014, p. 290) Para Murad (2012, p. 201), “embora possa soar estranho, a ausência de público nos estádios é um processo que ajuda a multiplicar a violência no futebol brasileiro. Um estádio vazio exige menor efetivo policial, e o policiamento é o comum”.

Tropas sem o conhecimento necessário não são capazes de tomar as melhores providências nos combates aos crimes cometidos pela reduzida parcela de torcedores violentos. Por exemplo, os grupos mais radicais das torcidas organizadas levam os materiais usados para a confecção dos coquetéis molotov, explosivo de fabricação caseira, para dentro do estádio com a fragilidade do sistema de revista na entrada. Para passar pelo policiamento, são as mulheres que levam a pólvora e os demais materiais para a confecção. Em dias de jogos mais importantes, o mesmo não acontece, já que é o policiamento especializado faz tal operação. A sensação de insegurança pode contribuir ainda mais para o esvaziamento do estádio e, por conseguinte, para a descaracterização completa do espetáculo por ela proporcionado.

Também já na cobertura da primeira partida da Seleção Brasileira no Maracanã, o site Globoesporte.com detectou um comportamento diferente do público nas arquibancadas. Em matéria publicada no dia 2 de junho de 2013 e assinada por Leandro Canônica, Alexandre Lozzetti e Márcio Iannacca²⁰, existe uma tentativa de entender os motivos dos ordeiros aplausos ao fim da partida que terminou somente em

¹⁹ Disponível em: <<http://m.esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/07/18/suderj-confirma-permissao-para-bandeiras-e-instrumentos-no-maracana.htm>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h14).

²⁰ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/reencontro-com-o-maracana-tem-pedidos-por-lucas-e-vaiais-hulk.html>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h14).

empate entre Brasil e Inglaterra. A mesma reportagem relaciona a reação mais contemplativa dos torcedores com a Copa das Confederações, que começaria em um período de tempo muito curto. No entanto, uma espécie de surpresa não deixa de ser registrada. “Talvez seja o clima de competição que se aproxima. Talvez seja o público diferente. Mas elas [vaias] foram substituídas por aplausos. Os jogadores retribuíram, agradeceram.” Apesar da impaciência dos torcedores com o atacante da Seleção Brasileira Hulk e do pouco incentivo demonstrado, o texto também contemporiza. “Justiça seja feita, se em nenhum momento a torcida pressionou (no bom sentido) e incentivou como costuma fazer com seus clubes, também não houve vaias, a não ser para Hulk.”

Matéria publicada no site Globoesporte.com no dia 14 de outubro de 2013, assinada por Marcelo Baltar e Vicente Seda²¹, mostra como a reforma no estádio promoveu uma mudança de conceito “na experiência proporcionada ao torcedor ao assistir uma partida de futebol”. A reportagem elenca a definição do novo público do estádio, inserida no projeto de execução anexo ao contrato de concessão para o grupo de empresas que venceu o processo de licitação. De acordo com documentos do próprio consórcio, os frequentadores deveriam dirigir automóveis caros como “BMWs, 4x4s, Land Rovers, Mitsubishi”, morar no “Leblon, Ipanema, Gávea, Jardim Botânico, Barra da Tijuca e etc.”, beber uísques “Gold ou Blue Label, da marca escocesa Johnie Walker”, ter barcos e cavalos próprios, entre outras definições. Para os trabalhadores da concessionária, as exigências são mais diretas.

Exemplos: “não é permitido barba por fazer”, é necessário uso de sapato “antiderrapante, em bom estado e limpos para o trabalho” e o “uso de desodorante será essencial”. Procurada pela reportagem do Globoesporte.com, a concessionária responsável pela administração do estádio informou que o perfil de torcedores divulgado pela matéria só dizia respeito aos setores mais caros do Maracanã. O conteúdo de outra matéria publicada no site Globoesporte.com em 21 de julho de 2013 e assinada por Vicente Seda²² rechaça totalmente o ambiente festivo de comunhão entre classes. A reportagem segue uma manifestação da Frente Nacional dos Torcedores (FNT) que, metaforicamente, fez um velório do estádio. O ato aconteceu no mesmo dia

²¹ Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2013/10/maracana-concessionaria-exige-barba-feita-e-desodorante-funcionarios.html>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h14).

²² Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2013/07/em-protesto-torcedores-farao-enterro-simbolico-do-maracana.html>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 02h25)

da primeira partida entre clubes no Maracanã, no jogo entre Vasco e Fluminense. “O Maracanã não é mais do povo, é um protesto contra a elitização e a privatização do Maracanã, contra o extermínio da cultura do torcedor”, declarou Raul Victor, que ainda se identificou como um dos líderes do FNT.

No dia 8 de agosto de 2013, a FNT fez um ato conjunto com o grupo que pedia o impeachment do então Governador do Rio Sérgio Cabral. O político, quando na máxima posição executiva do estado, comandou as obras no Maracanã e o processo de concessão no antigo Gigante do Derby. Em uma matéria publicada no Lancenet no mesmo dia e assinada por Diego Neves²³, outra liderança da Frente, João Pedro Soares concede uma entrevista, onde lança novamente um olhar pessimista sobre as mudanças no estádio. De acordo com o manifestante, o estádio “sempre foi conhecido por sua grandiosidade e, principalmente, por ser popular. Sua capacidade de misturar pessoas de diferentes culturas e de diferentes classes sociais sempre foi nacional e internacionalmente admirada”. João Pedro ainda aponta que “com a privatização e sua descaracterização estrutural, para atender a demanda da FIFA, o estádio tem perdido o que tradicionalmente tinha de mais importante”.

No dia 30 de junho de 2013, dia da final da Copa das Confederações, outro ato foi organizado, dessa vez por torcedores insatisfeitos com as reformulações do grupo Comitê Popular da Copa. De acordo com uma matéria publicada no UOL no mesmo dia, assinada por Gustavo Franceschini e Vinícius Konchinski²⁴, para impedir que a manifestação chegasse ao perímetro da arena, que recebia naquele dia a partida entre Brasil e Espanha, a Polícia Militar foi acionada. O objetivo da manifestação era ficar próximo à imprensa internacional para conseguir deixar em evidência a insatisfação popular. “Nosso objetivo é, sim, chegar ao estádio, temos direito a manifestação e esperamos que não tenha confronto. Nas outras vezes, a polícia agiu de maneira violenta”, recordou Giselle Tanaka, integrante do Comitê. De fato, ao fim do protesto, houve um conflito entre manifestantes e a PM.

Os dois depoimentos reforçam o caráter carnalizante que o Maracanã teve, ao longo do tempo. Por meio da festa e do tom jocoso das brincadeiras da torcida, ocorria uma subversão das hierarquias sociais, assim como na Idade Média descrita por Mikhail Bakhtin. O que lamentam os dois membros da Frente Nacional dos Torcedores

²³Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Maracana-Frente-Nacional-Torcedor-Cabral_0_970703119.html> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 11h42)

²⁴ Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/30/grupo-de-300-pessoas-se-reune-para-passeata-ate-o-maracana.htm>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 12h39)

é descaracterização do estádio depois das consecutivas reformas pelas quais a praça esportiva passou e como isso desconfigurou o espetáculo que ali era realizado. Destaca-se, entre as demais obras, de acordo com as declarações supracitadas, a mais recente reformulação, e a transmissão da responsabilidade de administrar a nova arena para o consórcio Maracanã S.A.

Após as mais recentes alterações, outro fator também passou a impedir que esse fenômeno de subversão fosse presenciado no Novo Maracanã. Diferentemente do que acontecia anteriormente, foi proibida a mudanças de lugares e setores durante as partidas. Assim, os torcedores, que tinham como hábito assistir um período do jogo em cada lado para estar próximo ao gol para o qual seu time mirava os chutes, foram impedidos de fazer essa movimentação. A restrição dificulta o embaralhamento de posições sociais que o futebol foi, tradicionalmente, capaz de tornar real. A diferença de preços entre os setores foi o motivo de tal proibição. O impedimento dos fluxos de torcedores se contrapõe a visão de Roberto Da Matta²⁵, que reconhece no ambiente futebolístico um local onde o brasileiro experimenta sentimentos de democracia e igualdade.

²⁵ Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=DU6hW8XiaV0> > (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 12h39)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário afirmar que o presente trabalho não tem por objetivo esmiuçar todas as eventuais mudanças estéticas na manifestação das torcidas nos estádios. A proposta, pelo contrário, era concentrar esforços sobre o antigo Gigante do Derby. Nem mesmo a pesquisa com relação ao antigo maior estádio do mundo está terminada. Da mesma forma que, quando do episódio em que o Maracanã, em uníssono, entoou “Touradas de Madri”, durante a goleada do Brasil sobre a Espanha, na Copa do Mundo de 1950, Mario Filho detectou que, de certa forma, a malemolência dos jogadores brasileiros irradiou, de certa forma, o elemento dionisíaco para o público que assistia ao jogo no estádio, novos estudos acadêmicos podem concentrar esforços na tarefa de reconhecer se a mudança no espetáculo das torcidas que frequentam a nova arena também gerou reflexos na apresentação dos atletas em campo.

Também é preciso analisar se, no longo prazo, é possível que o dionisíaco do futebol brasileiro – tão decantado por cronistas, músicos, intelectuais e cineastas –, pode, de fato, desaparecer. Caso tal elemento fundador da arte trágica desapareça do futebol brasileiro, também pode ser interessante pesquisar qual o impacto dessa ausência para a caracterização do que seria a brasilidade: a identidade nacional. Conforme o presente trabalho procurou demonstrar, esse esporte se caracterizou como um forte elemento de coesão nacional. O Maracanã, objeto de tal pesquisa, tornou-se também um alicerce do que seria o sentimento de pertencimento à comunidade imaginada da nação brasileira devido à paixão que tal modalidade desperta. Outros estudos também podem se debruçar perante os outros estádios que, por exigência da Fifa, tiveram que realizar transformações estruturais para a Copa do Mundo de 2014.

A partir do presente projeto, foi possível concluir que, de fato, houve mudanças na manifestação protagonizada no Maracanã. A partir das consecutivas reformas – e não somente da mais recente intervenção, finalizada em 2013, com intuito de adequar o estádio aos padrões internacionais de grandes eventos esportivos –, e o processo de concessão à iniciativa privada, algumas regras foram impostas aos torcedores. Antes também existiam alguns cerceamentos, obviamente. O estádio nunca foi um ambiente de total liberdade, e a bibliografia utilizada põe isso em evidencia. No entanto, essas novas exigências foram, agressivamente, de encontro aos princípios formadores da mitologia que circunscreveu o antigo Estádio Municipal ao longo de suas mais de seis décadas de existência. A definição de um público ideal, que pertenceria a uma classe social, que usaria determinada marca de roupa, viveria em uma região da cidade e até

consumiria uma marca específica de bebida alcoólica, acaba por restringir a potência da manifestação do público.

Ainda mais caso seja levado em conta que na fase final da Copa de 1950, primeiro torneio realizado no estádio, a proposta das autoridades políticas, propagada pela imprensa, era amplamente inclusiva. De acordo com Moura (1998), a procura por ingressos para o derradeiro triangular do campeonato foi muito grande, já que não estava restrita somente aos cariocas ou fluminenses. “Todos os demais assuntos de interesse para o país e para o mundo são relegados ao segundo plano diante de tão importante acontecimento. A última partida da Copa é o único tema mobilizador.” (MOURA, 1998, p. 109). De certa maneira, essa meta aglutinadora foi perseguida durante muitos anos. O jornalista Oldemário Touguinhó (1998) garantia, com relação ao Maracanã, que não havia espetáculo comparável ao que era possível experimentar no antigo estádio. Touguinhó aponta uma das razões para tal singularidade: “no Maracanã, todos se igualam. Seja rico ou seja pobre, a festa é igual quando seu clube vence. O comportamento de um torcedor da tribuna é tão explosivo quanto um da geral”. (TOUGUINHÓ, 1998, p. 31)

Ao reforçar a hierarquização interna, a carnavalização que o espetáculo das torcidas também passa a ter mais dificuldades para ser levada a cabo. O sarcasmo que impulsionava a subversão das relações de poder, as críticas aos símbolos de opressão e a promoção de uma equidade. Com a transmissão da responsabilidade da administração do aparelho esportivo para um grupo de empresas, essas transfigurações mais dramáticas. As mudanças foram tantas que desencadearam as manifestações de grupos de pessoas próximas ao futebol, que se reuniram em grupos como o Comitê Popular da Copa (CMP) e a Frente Nacional dos Torcedores (FNT) para pedir que as tradições do antigo Gigante do Derby fossem preservadas na nova arena. Após tanta repercussão, as torcidas organizadas foram convocadas para reuniões com autoridades do Governo do Estado do Rio de Janeiro e com representantes da concessionária que gere o espaço. Somente assim, algumas exigências foram retiradas.

Embora tenha sido periférico quando comparado com acontecimentos mais importantes, como a reabertura do Maracanã e as partidas da Copa das Confederações, o vulto criado em torno das manifestações contra o abandono das tradições do antigo Estádio Municipal pautou matérias publicadas nos principais portais da imprensa esportiva online brasileira. É possível identificar que alguns desses fizeram duras críticas ao processo de modernização da arena que sediou a final das Copas de 1950 e,

mais recentemente, de 2014. Durante alguns dos protestos que passaram pela cobertura jornalística, foi possível encontrar alguns elementos típicos das torcidas cariocas. O uso de bandeiras e instrumento de percussão são exemplos disso. A ironia, tão presente historicamente no espetáculo do Maracanã, também apareceu em matérias. O enterro simbólico do estádio, lamentando as alterações, organizado pela FNT, é um símbolo desse fato.

A dificuldade imposta pelo consórcio Maracanã S.A. para a entrada de instrumentos musicais, por exemplo, tem consequências peculiares no espetáculo do público. Os coros formados por sátiros e bacantes ao redor da tragédia grega, de acordo com Nietzsche, eram responsáveis por incrementar um forte artifício dionisíaco aos espetáculos. O pensador alemão atribui à música uma função primordial na arte trágica para expressão dionisíaca. Portanto, ao impedir o uso de tais instrumentos, por conseguinte, os responsáveis pelo estádio também impõem barreiras à fruição e espontaneidades, atributos característicos da estética das torcidas.

6. REFERÊNCIAS

6.1. Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de Futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: UNB/Hucitec, 2010.
- BOMBONATO, Pedro Guilherme Orzari. *Carnavalização e Linguagem: O futebol como dramatização da sociedade brasileira* (dissertação). UFSCAR, 2013.
- CARVALHO, Gustavo Longhi de, RODRIGUES, Rodolfo. *Infográficos das Copas*. São Paulo: Panda Books, 2014.
- CASTRO, Marcos de e MÁXIMO, João. *Gigantes do Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *O Vermelho e o Negro*. São Paulo: DBA, 2001.
- COELHO, Paulo Vinicius. *Bola Fora: A história do êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009.
- DRUMMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- FERNANDES, Vera. *Imagens do Futebol Brasileiro: o Canal 100*. São João Del Rei: Observatório de Mídia Esportiva, 2012.
- FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2003.
- HELAL, Ronaldo & CABO, Álvaro do (org). *Copas do Mundo: Comunicação e Identidade Cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro, edUERJ, 2013.
- JENNINGS, Andrew. *Um jogo cada vez mais sujo*. São Paulo: Panda Books, 2014.
- KAPUSCINSKI, Ryszard. *Minhas viagens com Heródoto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KFOURI, Juca. *Por que não desisto: Futebol, dinheiro e política*. Barueri: Disal Editora, 2009.
- LOVISARO, Martha, NEVES, Lecy Consuelo (org.). *Futebol e Sociedade: um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: edUERJ, 2005.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a polêmica sobre O Nascimento da Tragédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- MÁXIMO, João. *João Saldanha*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

- MÁXIMO, João. *Maracanã: Meio Século de Paixão*. Rio de Janeiro: DBA, 2000.
- MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio Corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MURAD, Maurício. *A Violência no futebol*. São Paulo: Benvirá, 2012.
- NETO, Geneton Moraes. *Dossiê 50*. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2013.
- NETTO, Andrei. *O Silêncio contra Muamar Kadafi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NOGUEIRA, Armando et al. *A Copa que ninguém viu e a Copa que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RODRIGUES, Nelson. *Brasil em Campo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2012.
- _____. *O Berro Impresso das Manchetes: Crônicas completas da Manchete Esportiva 55-59*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- SALDANHA, João. *Os Subterrâneos do Futebol*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.
- SENETT, Richard. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização oriental*. Rio de Janeiro, Best Bolso, 2014.
- TOUGUINHÓ, Oldemário. *Maracanã: onde todos são iguais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- ZAPPA, Regina & GIL, Gilberto. *Gilberto bem perto*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2013.

6.2. Sites

ALMEIDA, Pedro Ivo & KONCHINSKI, Marcelo. *Maracanã eleva preços e deixa cachorro-quente 100% mais caro*. Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/02/maracana-tera-precos-elevados-com-mate-a-r-7-e-cachorro-quente-100-mais-carro.htm>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h00).

Atribuições da Suderj. Disponível em: <<http://www.suderj.rj.gov.br/atribuicoes.asp>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h11).

BUARQUE, Chico. *Pelas Tabelas, 1984*. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=pelastab_84.htm> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h00).

COBOS, Paulo et al. *Semelhante ao estádio de Kiev, estilo do Maracanã chama a atenção da mídia inglesa*. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/333676_semelhante-ao-estadio-de-kiev-estilo-do>

maracana-chama-atencao-de-midia-inglesa> (último acesso em 5 de novembro, às 2h00).

COSTA, Felipe & BALTAR, Marcelo. *Maracanã: com liminar, camarotes ficam fora de licitação*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/05/maracana-liminar-tira-temporariamente-camarotes-do-processo-de-licitacao.html?unfold=251c28c8b75dcec8011fc1235c893dc>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 1h48).

DIAS, Thiago. *Irmãos ingleses vão ao Maracanã torcer pela seleção brasileira*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/irmaos-ingleses-vao-ao-maracana-para-torcer-pelo-brasil.htm>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 1h00).

Em treino de reconhecimento, Mata posta foto do Maracanã. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/treino-reconhecimento-Mata-posta-Maracana_0_940706012.html> (último acesso em 5 de outubro de 2014, à 1h00).

Estamos em obras: Seleção e Maraca têm reencontro diante da Inglaterra. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/estamos-em-obras-selecao-e-maraca-tem-reencontro-diante-da-inglaterra.html>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h00).

GIL, Gilberto. *Aquele Abraço*. Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br/sec_musica.php?> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h00).

Grupo de 300 pessoas se reúne para passeata até o Maracanã. Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/30/grupo-de-300-pessoas-se-reune-para-passeata-ate-o-maracana.html>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 12h39).

Intérpretes do Brasil – Roberto Da Matta – Parte 2. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DU6hW8XiaV0>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 12h39).

Juan Mata revela ansiedade para jogar no Maracanã e sonha com título. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/06/juan-mata-revela-ansiedade-para-jogar-no-maracana-e-sonha-com-titulo.html>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h03).

Maracanã será reaberto neste sábado; entenda a polêmica sobre a reforma. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2013/04/26/maracana-sera-reaberto-neste-sabado-entenda-a-polemica-sobre-a-reforma.htm>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 1h48).

MARACANÃ. Disponível em: <<http://www.suderj.rj.gov.br/maracana.asp>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 1h48).

MOITAS, Danielle. *Consórcio Maracanã S.A. está habilitado a administrar o complexo esportivo*. Disponível em:

<<http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1569955>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, à 1h48).

MOREIRA, Gabriela & CASTRO, Lúcio de. *Dossiê Maracanã: superintendente do IPHAN que autorizou bota-abaixo do Maracanã é funcionário do Governo do Estado*. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/330860_dossie-maracana-superintendente-do-iphan-que-autorizou-bota-abaixo-do-maracana-e-funcionario-do-governo-do-estado> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h00).

NEVES, Diego. *Pelo Maracanã, Frente Nacional do Torcedor se une a protesto contra Cabral*. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Maracana-Frente-Nacional-Torcedor-Cabral_0_970703119.html> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 11h42).

O Maraca é nosso | Chico Buarque é contra a privatização do Maracanã. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uNGvpA8t0m8>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h00).

O Novo Maracanã. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seel/exibeconteudo?article-id=1614125>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 14h56).

PAIVA, Fabiane. *Torcida brasileira vive dia histórico na reabertura do Maracanã*. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=1609894>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h14).

RODRIGUES, Renan. *Suderj confirma permissão para bandeiras e instrumentos no Maracanã*. Disponível em: <<http://m.esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/07/18/suderj-confirma-permissao-para-bandeiras-e-instrumentos-no-maracana.htm>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h14).

SEDA, Vicente & BALTAR, Marcelo. *Maracanã: concessionária exige barba feita e desodorante a funcionários*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2013/10/maracana-concessionaria-exige-barba-feita-e-desodorante-funcionarios.html>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 2h14).

SEDA, Vicente. *Em protesto, torcedores farão enterro simbólico do Maracanã*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2013/07/em-protesto-torcedores-farao-enterro-simbolico-do-maracana.htm>> (último acesso em 5 de novembro de 2014, às 11h42).

Torcidas do Rio tentam liberação de instrumentos e bandeiras no Maracanã. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro-serie-a/ultimas-noticias/2013/07/15/reuniao-discute-presenca-de-instrumentos-e-bandeiras-no-maracana.htm>> (último acesso em 5 de novembro, às 2h14).